

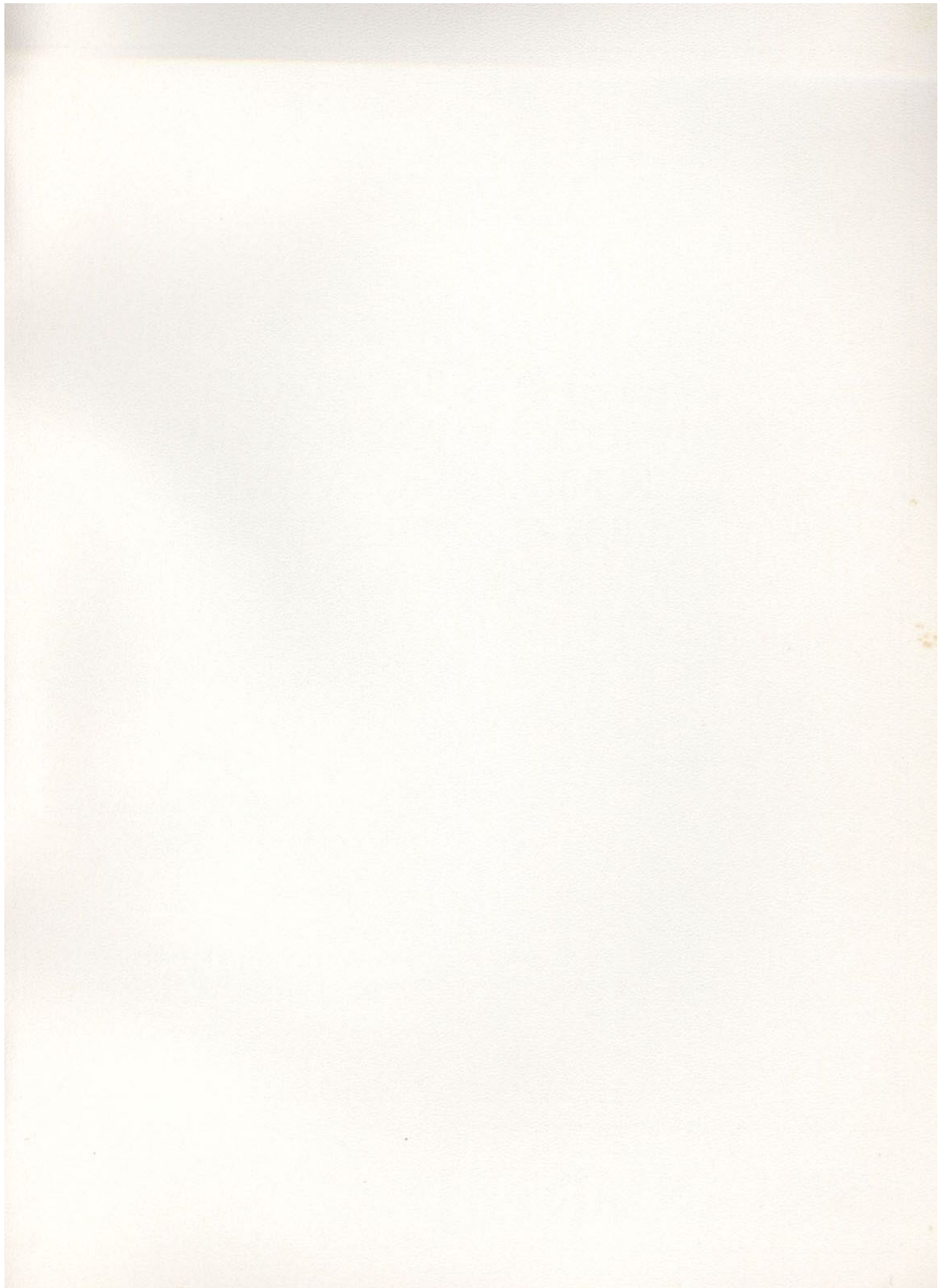
*Publicação do Instituto de Medicina Social e Criminologia da
Secretaria da Justiça do Estado de São Paulo*



São Paulo, vida nova.

INVESTIGAÇÃO SOBRE FARMACODEPENDÊNCIA NA POPULAÇÃO ESCOLAR DA CIDADE DE SÃO PAULO

1.º Relatório: Aspectos Epidemiológicos



INVESTIGAÇÃO SOBRE FARMACODEPENDÊNCIA NA POPULAÇÃO ESCOLAR DA CIDADE DE SÃO PAULO

Autores: *Maria Juliana Toffoli de O. Costa (*)*
*Marie Madeleine Hutyra de Paula Lima (**)*
*Sérgio França Adorno de Abreu (***)*
*e colaboradores (****)*

(*) Ex-Assistente Social do Instituto de Medicina Social e Criminologia de São Paulo.

(**) Criminologista do Instituto de Medicina Social e Criminologia de São Paulo.

(***) Criminologista do Instituto de Medicina Social e Criminologia de São Paulo.

(****) Relacionados no Final.

Agradecimentos

Dirigimos nossos agradecimentos

Ao Exmo. Sr. Desembargador JOSÉ CARLOS FERREIRA DE OLIVEIRA, Digníssimo Secretário da Justiça do Estado de São Paulo, por haver possibilitado a realização deste trabalho;

Ao Ex-Superintendente do Instituto de Medicina Social e Criminologia, Prof. Dr. AYUSH MORAD AMAR, em cuja gestão o presente trabalho foi elaborado;

Ao atual Superintendente do Instituto de Medicina Social e Criminologia, Prof. Dr. JOSÉ HAMILTON DO AMARAL, em cuja gestão o presente trabalho é editado.

este estudo o presente trabalho é dedicado
a Sr. D. JOSE HAMILTON DO AMARAL, em
de suas Sacerdotais de Portugal de 1840-1845

este trabalho foi elaborado
Sr. D. ALBERTO MORENO AMARAL, em sua des-
de suas Sacerdotais de Portugal de 1840-1845

de sua Sacerdotais de Portugal de 1840-1845
Sr. D. JOSE HAMILTON DO AMARAL, em
de suas Sacerdotais de Portugal de 1840-1845

Este trabalho não é uma obra original

Alguns nomes

ÍNDICE

Título	Pág.
I — INTRODUÇÃO	7
II — METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	8
1. Definição do tipo e natureza da pesquisa	8
2. Definição do universo empírico de investigação	8
3. Plano de amostragem e processo de seleção dos sujeitos	8
4. Instrumentos utilizados	9
5. O processo de coleta dos dados	10
6. A organização do relatório	10
III — RESULTADOS	11
Grupos de usuários, experimentadores e não-usuários	11
Período escolar freqüentado pelos usuários, experimentadores e não-usuários	12
Faixa etária dos usuários, experimentadores e não-usuários	15
Sexo dos usuários, experimentadores e não-usuários	17
Série escolar freqüentada pelos usuários, experimentadores e não-usuários	18
Uso de bebidas alcoólicas pelos usuários, experimentadores e não-usuários	21
Uso de solventes voláteis pelos usuários, experimentadores e não-usuários	23
Motivo para o uso de solventes voláteis	24
Sensação obtida com o uso de solventes voláteis	26
Experimentadores: idade de início da experiência	28
Tipo de droga utilizado inicialmente pelos experimentadores	29
Usuários: idade de início da experiência	29
Tipo de droga utilizado inicialmente pelos usuários	30
Usuários e experimentadores: tipo de drogas utilizadas, segundo faixa etária	31
Experimentador: comparação entre a idade atual e o tipo de droga de início	34
Experimentador: comparação entre a idade de início da experiência e o tipo inicial de droga usado	36
Experimentador: comparação entre a idade de início da experiência e a idade atual	40
Usuário: comparação entre a idade atual e o tipo de droga de início	44
Usuário: comparação entre a idade atual e a idade de início da experiência	46
Usuário: comparação entre a idade de início da experiência e o tipo de droga de início	50
Usuário: tipo de droga usado inicialmente	54
Tipo de droga utilizado por usuários, segundo faixa etária e por uso único ou múltiplo	56
IV — CONCLUSÕES	61

Investigação sobre Farmacodependência na População Escolar da cidade de São Paulo

I — INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa consiste no levantamento do fenômeno do uso indevido de drogas no interior da população urbana de jovens matriculados nas escolas oficiais e particulares de 1.º (7.ª e 8.ª séries) e 2.º graus (1.ª a 4.ª séries) do município de São Paulo. Com este levantamento, pretendeu-se identificar características epidemiológicas, sócio-culturais e as atitudes da população pesquisada relativamente ao problema enfocado.

A perspectiva adotada nesta pesquisa entendeu por epidemiologia da farmacodependência, o "estudo da distribuição dos farmacodependentes numa população e dos fatores que influem nessa distribuição." (1) Em decorrência, por farmacodependente aludiu-se à pessoa usuária de droga causante de dependência. Fármaco — ou droga causante de dependência — foi conceituado como substância "que pode produzir num organismo vivo um estado de dependência física, psíquica ou de ambos os tipos. Essa droga pode ser utilizada com fins médicos ou não médicos sem produzir necessariamente esse estado. Uma vez desenvolvida a farmacodependência, suas características variam com o tipo de substância empregada." (2)

Norteados por estes princípios introdutórios ao estudo deste fenômeno, buscamos situar o objeto da investigação no plano de três hipóteses genéricas.

Em primeiro lugar, partimos do princípio de que há um constante processo de interação entre o usuário, a droga e o meio sócio-cultural. Esse processo de interação implica a existência de mecanismos formadores de atitudes favoráveis ou desfavoráveis ao uso de drogas.

Conseqüentemente, derivamos deste princípio uma segunda hipótese: o estudo da distribuição de farmacodependentes no interior de uma população não se explica por si só, a menos que se aclararem, durante o desenvolvimento da investigação, as variáveis e fatores intervenientes naquele processo de interação.

Por fim, consideramos como terceira hipótese a proposição consoante a qual o fenômeno do uso de drogas por uma população determinada — no caso, a população de jovens escolares — é um problema de saúde pública, querendo-se dizer com isto que "... é o fenômeno que, na opinião de algum agente ou organismo, produz ou é suscetível de prejudicar ou produzir outras dificuldades a um indivíduo ou a uma sociedade, mesmo que essa opinião tenha ou não fundamento científico". (3)

A partir da delimitação desse campo ou ótica na qual foi possível estudar o problema social enunciado, definimos como objetivos específicos da investigação:

1. estudar a distribuição de casos de uso indevido de drogas;
2. identificar as características epidemiológicas das pessoas que usam drogas (farmacodependentes);
3. estudar e identificar o perfil da população de usuários, de experimentadores e não-usuários de drogas, relativamente tanto ao conhecimento que esses grupos possuem a respeito do problema, quanto à consciência que se expressa nas atitudes favoráveis ou desfavoráveis à farmacodependência;
4. identificar as características sócio-culturais dos três grupos estratificados nesta pesquisa.

No que concerne à epidemiologia da farmacodependência, a investigação procurou levantar taxas de prevalência e de incidência do uso de drogas entre os estudantes pesquisados. Isto posto, taxa de prevalência num período determinado foi conceituada como o "número de casos existentes durante um período de observação que se expressa em relação a uma população de tamanho conhecido." (4) A sua vez, por taxa de incidência compreendeu-se a "frequência com que aparecem enfermidades ou transtornos durante um período determinado na população exposta." (5)

Para poder conhecer a prevalência, a incidência e a distribuição de uma enfermidade ou transtorno numa população definida, era necessário verificar que tipos de drogas são conhecidas, experimentadas e utilizadas na população escolar. Assim sendo, foram investigadas as drogas, classificadas na seguinte tipologia: a) tipo barbitúrico, com especial atenção ao uso de comprimidos para dormir e tranquilizantes ou calmantes; b) tipo anfetamina, identificada na pesquisa como "bolinha"; c) tipo cannabis, identificada como "maconha"; d) tipo cocaína; e) tipo alucinógeno, identificada como LSD; f) tipo khat; g) tipo opiáceo, identificada como heroína e morfina; h) tipo solvente volátil, identificada como thinner, benzina ou éter. (6)

Nesta tipologia, como se poderá notar, foi excluído o uso de álcool, pois suas respectivas prevalências e incidências foram examinadas nos três grupos estudados. Além do mais, a pesquisa buscou levantar a prevalência e incidência de "outra droga" não identificada, passível ou não de inclusão na tipologia apontada.

Caberia, por fim, aduzir que, em virtude da enorme quantidade de dados e informações levantadas — cuja siste-

(1) OMS — Comité de Expertos de la OMS en farmacodependencia. 19.º informe. Ginebra, 1973. 44p. (Série de Informes Técnicos). p. 19.

(2) Idem, p. 18.

(3) Idem, p. 20.

(4) Idem, p. 19.

(5) Idem, p. 29.

(6) Idem, p. 19.

matização, organização e correspondente classificação demandam tempo quase ilimitado para conclusão do trabalho — optou-se pela realização de um primeiro relatório, contendo, tão-somente, análise dos dados relativos aos aspectos epidemiológicos aqui referidos. Esta opção foi adotada, na medida em que possibilitaria conhecer os primeiros resultados alcançados, independentemente da elaboração de relatórios posteriores, abrangendo o estudo das características sócio-culturais e as atitudes.

II — METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A realização do projeto de pesquisa atravessou diversas fases, por intermédio das quais foram discutidos aspectos tais como definição do tipo de pesquisa, identificação do instrumento a ser adotado, seleção da população a ser estudada, bem como outros de natureza metodológica.

1. Definição do tipo e natureza da pesquisa:

Inicialmente, pretendeu-se que o projeto de pesquisa fosse desenvolvido em duas etapas, quais sejam: (a) pesquisa exploratória; (b) pesquisa comprobatória.

A primeira delas teria por finalidade levantar dados e informações, de forma a possibilitar a formulação de hipóteses específicas acerca do problema em exame.

Perfilhando essa diretriz, pretendeu-se que a primeira etapa da investigação contivesse as seguintes características: fossem levantados dados sobre a população escolar, em três zonas ou áreas da cidade de São Paulo, a fim de que fosse possível traçar o perfil do fenômeno estudado em meio ambientes sócio-culturais distintos; fossem realizados três relatórios de pesquisa, correspondentes a cada zona delimitada, ainda que cada uma delas dispusesse de amostras estatisticamente representativas da população escolar e comparáveis entre si; fossem utilizados os mesmos instrumentos e recursos.

A realização desse projeto de pesquisa implicava, necessariamente, um prévio estudo sócio-econômico da população da cidade de São Paulo, a fim de que se pudesse promover o agrupamento e seleção de zonas a serem estudadas.

Este estudo englobou três dimensões:

- (a) estudo das características demográfico-econômicas;
- (b) estudo das características escolares (capacidade da rede e situação existente, quadro, condições e distribuição de serviços); e
- (c) características de saúde.

A realização deste estudo foi subsidiada por dados secundários, extraídos de fontes diversas e de cuja análise objetivava-se apreender aspectos homogeneizadores e diferenciadores da população urbana e da população escolar.

Essa tarefa configurou-se — ao lado de levantamento bibliográfico de trabalhos e investigações nessa área do conhecimento — como etapa preparatória à definição dos objetivos da pesquisa, bem como a seu aperfeiçoamento metodológico.

A conclusão desse estudo demonstrou, basicamente, o tipo de dificuldades que deveriam ser enfrentadas para delimitação das zonas a serem investigadas. Uma das dificuldades encontradas referia-se à não-correspondência entre a residência do escolar e a escola freqüentada, circunstância essa que, certamente, interferiria na coleta de dados, bem como, conseqüentemente, na análise dos resultados, sobretudo no que concerne às características sócio-culturais.

Uma vez reconhecidos esses obstáculos, optou-se por trabalhar com uma amostra do universo empírico total.

Por essa via, abandonou-se a idéia original, referente à busca e identificação de zonas a serem investigadas, a qual foi substituída por outros procedimentos metodológicos.

Não obstante, o abandono desse pressuposto não implicou, necessariamente, que se deixasse de lado a idéia de se efetuar um grande levantamento de cunho exploratório.

Diante do desconhecimento da existência de outros levantamentos, no interior da população observada, que contivessem requisitos de fidedignidade desejável relativamente aos dados, pareceu-nos adequado, preliminarmente, adotar aquela perspectiva, para, oportunamente, uma vez concluídos os demais relatórios, cogitar-se da realização de pesquisa comprobatória, recorrendo-se ao uso de hipóteses específicas, destinadas a serem confirmadas ou infirmadas durante o processo de investigação.

2. Definição do universo empírico de investigação.

O universo empírico de investigação é constituído por estudantes das escolas públicas e privadas, do município de São Paulo, matriculados nos 1.º e 2.º ciclos, com idade "ideal" entre 13 e 18 anos.

As razões dessa escolha reportam-se aos resultados obtidos em pesquisas anteriores.⁽⁷⁾ Estas revelaram que o problema do uso abusivo de drogas era sobremaneira acentuado entre a população de menores que haviam registrado algum problema de conduta — e, por conseguinte, haviam registrado passagem pela Delegacia Especializada de Menores — ou entre aqueles que registravam ingresso em hospitais para fins de tratamento.

Esses levantamentos iniciais sugeriram, portanto, que o fenômeno da farmacodependência adquiria, pouco a pouco, relevância no interior da população de jovens entre 13 e 18 anos.

Isto posto, buscou-se estudá-la com maior atenção. No entanto, dadas as impossibilidades de se pesquisar toda a população juvenil urbana — conquanto se pudesse recorrer ao uso de métodos de amostragem —, e dadas as dificuldades oriundas de problemas de diversas naturezas (como recursos, pessoal especializado, etc.), optou-se por pesquisar, dentro da população juvenil, "sujeitos institucionalizados", como é o caso dos escolares.

Dessa forma, esperava-se que os problemas inerentes à coleta de dados poderiam melhor ser controlados pelos investigadores, reduzindo-se ao mínimo a margem de interferência.

Isto posto, acreditamos que os resultados obtidos nesta investigação referem-se — exclusivamente — à população escolar pesquisada, não podendo, por essa via, serem generalizáveis, no todo ou em partes, para o conjunto da população juvenil urbana de São Paulo.

3. Plano de amostragem e processo de seleção dos sujeitos:

A coleta de dados "diretos", que norteou esta investigação, circunscreveu-se à região metropolitana de São Paulo. Abrangeu-se cerca de 5.612 alunos, regularmente matriculados nos primeiro (7.ª e 8.ª séries) e segundo graus (1.ª a 4.ª séries), das escolas que compõem as redes particular e oficial, nesta última compreendidas tanto as escolas estaduais quanto municipais.

Na seleção da amostra a ser objeto da aplicação de instrumentos, optou-se pelo recurso ao método de amostragem por conglomerados, no qual a unidade amostral foi a classe (turma) e a unidade observada foi o escolar dentro de sua classe. Fatores de ordens diversas concorreram para esta decisão. Vale ressaltar, inicialmente, a própria natureza das informações disponíveis sobre a população escolar, cujas características peculiares — tamanho, diversidade sócio-cultural, localização, não-correspondência entre a residência do escolar e a escola freqüentada, etc. — reclamavam a utilização de método de seleção probabilística que reunisse os requisitos de representatividade estatística e de economia de custos operacionais. Além do mais, a persecução dos objetivos da pesquisa — o que obrigava a levar em consideração problemas inerentes a todo e qualquer estudo epidemiológico, sobretudo,

(7) "Influência dos controles legais sobre o consumo de fármacos na cidade de S. Paulo." Anais do III Simp. Internacional de Criminologia.

neste caso, a heterogeneidade das drogas, usuários e ambientes — desaconselhava outras modalidades de seleção, no que concerne, especificamente, ao capítulo da operacionalização do processo de coleta de dados, tendo em vista o universo empírico de investigação. Tentando diminuir a influência dessa diversidade de fatores, o universo de classes foi estratificado segundo: tipo de escola (particular ou pública); período de aula (matutino, vespertino ou noturno); e série escolar (7.^a e 8.^a do primeiro grau e 1.^a a 4.^a do segundo grau).

Em linhas gerais, tomando-se como ponto de referência uma listagem de todas as turmas existentes, neste município, nos colégios públicos e particulares, realizou-se um sorteio de determinado número de turmas. Esta listagem continha informações sobre o nome da escola, número de turnos e turmas correspondentes às séries do primeiro e segundo graus indicadas, número de alunos em cada turma. Esta listagem foi criteriosamente construída, de modo não-somente a reproduzir com fidedignidade os sujeitos componentes do universo, assim como garantir uma precisa identificação das unidades amostrais selecionadas.

Os elementos desse cadastro foram obtidos junto ao Centro de Informações Educacionais da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, órgão encarregado de processar, entre outros informes, dados relativos às matrículas efetuadas no ano letivo. Esses elementos estavam atualizados para o ano de 1976, uma vez que aqueles concernentes às matrículas efetuadas no ano de 1977 não haviam ainda sido objeto de processamento, não nos sendo possível, portanto, consultá-los. Não obstante, naquela oportunidade, obteve-se, através de fonte oficial, dado indicativo de que a variação do número de matrículas entre os anos de 1976 e 1977 não havia apresentado significância, que pudesse comprometer o sorteio de turmas. Mesmo assim, recorreu-se ao expediente de atualizar e efetuar novo sorteio, junto às escolas cujas turmas haviam sido selecionadas e que, eventualmente, haviam registrado modificações substanciais, relativamente a este aspecto. Para sorteio das unidades amostrais, utilizou-se o critério de seleção sistemática, aplicando-se um intervalo igual a 68,97 à listagem, após escolha aleatória de uma unidade inicial.

O cálculo do tamanho da amostra foi elaborado com base em indicadores estimativos da taxa média de usuários de drogas. Partindo-se da hipótese de que a taxa média de usuários de drogas centrava-se em torno de 3% (três por cento) no interior de uma população — taxa essa extraída de pré-teste realizado anteriormente e confirmada por pesquisas na área de farmacodependência em sociedades cuja estrutura sócio-cultural assemelha-se à estrutura básica da sociedade brasileira, pesquisas essas constantes de bibliografia levantada, estudada e devidamente revisada — pôde-se conhecer as amostras exequíveis. Examinando-se todas as possibilidades aventadas e considerando-se critérios como erro e natureza da tabela — se de uma entrada ou dupla entrada —, aspectos esses acrescidos da necessidade de atender ao requisito da economia de recursos e eficiência operacional, como já se havia enunciado, decidiu-se por uma amostra com as seguintes características: abrangendo cerca de 6.283,75 crianças, correspondentes a 181,11 turmas, com fração de amostragem igual a 0,0145, equivalendo a um erro máximo, para qualquer estimativa, de exceder a 8% a taxa hipotética de 3% de usuários de drogas; e a um risco de 5% (5 em cem possíveis amostras) dessa previsão não acontecer, além de suportar um nível de quebra de até 20%, relativo, entre outros motivos, a cogitados índices de ausência, durante a aplicação do teste, notadamente no que se referisse ao período noturno.

Após a aplicação do teste, constatou-se o resultado de 5.612 questionários, modelos A e B.* A verificação das principais ocorrências que promoveram a “não-cobertura” de todas as turmas selecionadas ou das razões que impediram o levantamento de dados correspondentes às 6.283,75 crianças, tal como planejado, conduziu à conclusão de que as alterações observadas deveriam-se a fatores: significativos índices de ausência de alunos nas turmas identificadas (aspecto esse generalizado nos três períodos, ainda que o noturno

apresentasse relativa predominância, como era de se esperar); à recusa de algumas escolas da rede particular em participar do teste, e, involuntariamente, ao não aproveitamento de alguns questionários que, embora aplicados, apresentaram incorreções de diversas naturezas (preenchimento inadequado, falhas de impressão, dados reconhecidamente informados com falta de fidedignidade), o que tornava temerosa sua inclusão ao conjunto da amostra.

Malgrado esses fatores, foi possível dar cobertura a 87% da amostra originalmente planejada, o que possibilitou revelar que as estimativas aventadas foram — senão na sua totalidade — aproximadas ao tamanho idealizado.

4. Instrumentos utilizados:

O instrumento selecionado para coleta de dados e informações é o questionário, com perguntas fechadas e alternativas de múltipla escolha, conforme ficou estabelecido. A estruturação desse instrumento implicou a classificação de três partes fundamentais: (a) epidemiologia; (b) atitudes; (c) características sócio-culturais.

Como variáveis relacionadas à área epidemiológica, foram selecionadas: facilidade de obtenção da droga; pessoas conhecidas que usam drogas; motivação para não experimentar, para experimentar, para não continuar, para continuar; oferta e aceitação ou não da droga e suas razões; frequência do uso de fármacos entre os usuários atuais; transformação do uso médico de algumas drogas pelo uso indevido, sem receita médica; espécie de droga utilizada e idade do usuário ou experimentador na época do evento; padrão do uso de bebidas alcoólicas na residência do entrevistado; frequência do uso de bebidas alcoólicas pelos estudantes pesquisados; ocorrência de embriaguez, com a indicação de respectiva incidência.

No que concerne às atitudes, investigaram-se as seguintes variáveis: conhecimento e informação sobre várias drogas e seus efeitos; fontes de informação sobre drogas; percepções sobre fármacos e usuários; formação e difusão de atitudes com respeito à tolerância ou estigmatização do meio sócio-cultural frente ao problema; opiniões sobre as possíveis causas do fenômeno; opiniões sobre os meios de intervenção e controle; opiniões sobre os aspectos sociais do problema.

Finalmente, quanto às variáveis sócio-culturais, foram definidas as seguintes: identificação do perfil social-padrão do entrevistado, compreendendo idade, sexo, bairro de residência, série frequentada e turno escolar; escolaridade; ocupação profissional; padrões culturais; estrutura sócio-familiar e relações sociais.

Esse instrumento foi subdividido em dois modelos, denominados A e B, os quais foram, aleatoriamente, distribuídos entre as unidades amostrais selecionadas, gerando-se a existência de duas sub-amostras. O modelo A continha questões sobre características sócio-culturais e a parte relativa à epidemiologia. O modelo B continha questões sobre atitudes e a mesma parte relativa à epidemiologia. Não obstante, a identificação do perfil-padrão era comum a ambos modelos. Assim, em vista desse procedimento, dispúnhamos, ao final da coleta de dados, de resultados epidemiológicos para o conjunto da amostra e de resultados relativos às atitudes e aos padrões culturais para as sub-amostras.

As razões para semelhante iniciativa reportam-se à quantidade de variáveis a serem investigadas num único instrumento. Um questionário, contendo um número excessivo de questões, provocaria, necessariamente, desinteresse por parte do “entrevistado”, que acabaria por fornecer informações pouco confiáveis. Além do mais, considerando-se a remota possibilidade de retorno sucessivo às escolas — o que dificultaria não só a coordenação do trabalho, como também poderia interferir nas atividades normais dos estabelecimentos de ensino, circunstância essa que não era desejo dos pesquisadores, pois acarretaria interferências não-controláveis no processo de aplicação e coleta de informações —, entendemos conveniente utilizar do expediente de aplicar-se

(*) A respeito dos instrumentos utilizados para coleta de dados e informações, ver, a seguir, item 4.

os dois modelos, simultaneamente, procedimento que apresentava menor número de problemas.

Os instrumentos sofreram três pré-testes cuja finalidade consistiu em verificar e avaliar sua eficácia operacional. Foram submetidos a exame e revisão no que concerne à objetividade, clareza de expressão e forma de apresentação.

Paralelamente, procedeu-se a estudos a respeito dos cruzamentos cogitados na investigação, de modo a viabilizar a concretização de resultados sob a forma de tabelas e quadros.

5. O processo de coleta de dados:

A execução da pesquisa fundou-se no trabalho sistemático de coleta de dados. Sobre esse aspecto, cuidou-se de concretizar algumas etapas preparatórias, como elaboração de manual de instruções para coletores, seleção e treinamento de profissionais para aplicação dos instrumentos, contatos prévios com os estabelecimentos escolares que dispunham de turmas selecionadas, acompanhamento e supervisão do trabalho de campo e plano de apuração dos resultados.

O manual de instruções foi criteriosamente elaborado, de modo a fornecer aos coletores todas as informações de caráter técnico e operacional, necessárias ao bom desempenho da tarefa. O manual continha explicações sobre os objetivos da pesquisa; importância do papel e desempenho do coletor; estruturação dos instrumentos; procedimentos quanto à distribuição de questionários à equipe coletora e sua devolução à equipe coordenadora; procedimentos a serem seguidos em cada escola, anteriormente à aplicação do questionário; sistema de distribuição e devolução dos questionários em classe; e dinâmica da aplicação de questionários.

Para aplicação dos instrumentos, contou-se com a participação de estudantes do 2.º ano de Serviço Social, das Faculdades Metropolitanas Unidas — F.M.U. Após entrevista com os coordenadores, selecionaram-se vinte estagiárias, as quais, posteriormente, foram proporcionalmente distribuídas nos três períodos escolares. Estas estagiárias foram submetidas a treinamento específico, cuja finalidade consistia não somente orientá-las quanto ao teor da pesquisa, mas também familiarizá-las quanto aos papéis a serem desempenhados. Para tanto, os coordenadores elaboraram plano de treinamento, norteado por técnicas de conhecimento do grupo, conhecimento da entidade promotora da investigação, levantamento de expectativas em relação ao trabalho a ser desenvolvido, explicações sobre as atividades da equipe coordenadora, leitura do manual e dos instrumentos com o conseqüente esclarecimento de dúvidas e avaliação do treinamento.

Paralelamente, os coordenadores da pesquisa mantinham contato com os estabelecimentos escolares sorteados. Esta tarefa tinha como objetivos atualizar o levantamento escolar anteriormente efetuado, (*) assim como explicitar à direção do respectivo estabelecimento a natureza, condições e características da tarefa a ser executada, além de se marcar previamente dia e horário para realização da tarefa. Cuidou-se, a esse respeito, não só fornecer às direções os procedimentos a serem perfilhados, como também — e

sobretudo — evitar-se a ocorrência de clima de tumulto ou, contrariamente, clima de excessiva preparação dos estudantes, circunstâncias que necessariamente provocariam interferências na coleta de dados.

Foi elaborado cronograma de execução dos trabalhos, o qual foi rigidamente observado e cumprido.

A aplicação dos questionários verificou-se nos meses de março e abril de 1978. As estagiárias trabalharam, sempre, em duplas, de modo a que se pudesse garantir um perfeito controle sobre os instrumentos distribuídos e devolvidos, bem como conferir aos estudantes clima de absoluta confiança. A supervisão do trabalho de campo foi possível mediante a confecção de instrumentos subsidiários. Foi elaborada uma ficha de controle individual, destinada ao acompanhamento do processo de distribuição dos questionários para as coletoras. Estas recebiam uma ficha de atribuição de tarefa, contendo todas as informações indispensáveis à realização do trabalho junto aos estabelecimentos escolares, bem como folha de distribuição dos questionários em classe, para fins de seu controle pessoal. As estagiárias encaminhavam-se às escolas, portando ofícios de apresentação, dirigidos quer aos estabelecimentos da rede privada, quer àqueles da rede oficial (estaduais e municipais). Após a aplicação dos instrumentos, as estagiárias procediam à codificação de algumas questões, utilizando-se, para isso, de listagens apropriadas.

Periodicamente, eram realizadas reuniões entre as equipes, com a finalidade de entregar questionários aplicados, receber novas tarefas e discutir problemas eventualmente verificados durante a execução dos trabalhos. A sua vez, a equipe coordenadora, semanalmente efetuava o preenchimento do mapa geral da quantidade de questionários modelos A e B, distribuídos às coletoras e devolvidos periodicamente.

Uma vez totalmente concluído o trabalho de campo, os coordenadores efetuaram revisão dos questionários preenchidos. Neste particular, foram examinados os seguintes aspectos: coerência, fidedignidade, codificação, respostas incompletas, etc.

Finalmente, elaborou-se plano de apuração dos resultados. Pretendia-se, como de fato ocorreu, que estes resultados estivessem classificados, consoante os três grupos estudados: usuário, experimentador e não-usuário (ou não-experimentador). Por usuário entendeu-se aquele estudante que havia utilizado alguma droga, com fins não medicamentosos, durante determinado período de tempo, isto é, com uma frequência determinada; por experimentador, entendeu-se aquele estudante que havia, alguma vez em sua vida, utilizado alguma droga, abandonando-a, logo a seguir; por não-usuário entendeu-se aquele estudante que jamais havia experimentado ou utilizado drogas com fins não medicamentosos.

6. A organização do relatório:

Este primeiro relatório está organizado em duas partes: a primeira compreende descrição e análise dos resultados obtidos e a segunda abrange as principais conclusões.

(*) Sobre esse aspecto, ver explicações contidas no item 3.

PARTE I – RESULTADOS

TABELA I

CLASSIFICAÇÃO DOS SUJEITOS COMPONENTES DA AMOSTRA ESTRATIFICADA, SEGUNDO GRUPOS DE USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS (Redes Particular e Oficial)

MODELO A

USUÁRIO		EXPERIMENTADOR		NÃO-USUÁRIO	
Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
084	3,7	131	5,7	2083	90,6

MODELO B

USUÁRIO		EXPERIMENTADOR		NÃO-USUÁRIO	
Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
081	3,2	163	6,3	2326	90,5

No questionário modelo A, foram observados os seguintes resultados: 84 usuários (3,7%); 131 experimentadores (5,7%) e 2.083 não-usuários (90,6%).

A soma das porcentagens de usuários e de experimentadores é 9,4%. Desta parcela, 39,4% são usuários e 60,6%, experimentadores, revelando proporção aproximada de dois usuários para cada três experimentadores, em relação a cem alunos.

No questionário modelo B, conforme se pode verificar, foram identificados 81 usuários (3,2%); 163 experimentadores (6,3%) e 2.326 não-usuários (90,5%), dados esses correspon-

dentos tanto à rede particular, quanto à rede oficial. Associando-se os dados referentes a usuários e a experimentadores, temos o percentual de 9,5% do total da população pesquisada. Este percentual significa que a cada 9 ou 10 estudantes entre 100 estudantes pesquisados já experimentaram ou utilizam drogas. Comparando-se usuários e experimentadores, verifica-se proporção de um usuário para cada dois experimentadores, em relação a cem alunos.

Como resultado desta tabela, a prevalência de experimentadores é superior àquela de usuários.

Comparando-se os dados relativos a cada um dos modelos de questionários aplicados, percebeu-se certa proximidade nas porcentagens de usuários e de experimentadores, confirmando-se uma tendência comum entre si.

TABELA II

CLASSIFICAÇÃO DOS SUJEITOS COMPONENTES DA AMOSTRA ESTRATIFICADA, SEGUNDO GRUPOS DE USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS (Rede Particular)

MODELO A

USUÁRIO		EXPERIMENTADOR		NÃO-USUÁRIO	
Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
020	3,8	024	4,6	483	91,6

MODELO B

USUÁRIO		EXPERIMENTADOR		NÃO-USUÁRIO	
Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
023	4,5	037	7,2	453	88,3

Quanto ao questionário modelo A, observaram-se os resultados seguintes: 20 usuários (3,8%); 24 experimentadores (4,6%) e 483 não-usuários (91,6%), dados esses referentes às escolas da rede particular.

A soma das porcentagens de usuários e de experimentadores alcança 8,4%. Deste percentual, 45,3% são usuários e 54,8%, experimentadores, apresentando proporção aproximada de cinco usuários para cada seis experimentadores, em relação a cem alunos.

No questionário modelo B, essa mesma classificação também foi observada. Neste caso, identificaram-se 23 usuários (4,5%); 37 experimentadores (7,2%) e 453 não-usuários (88,3%).

O percentual de usuários e experimentadores, comparativamente ao total dessa parcela pesquisada, representa 11,3%, o que traduz, em linhas gerais, o raciocínio segundo o qual a cada 11 estudantes entre 100 estudantes pesquisados na rede particular já experimentaram ou utilizam drogas, num período determinado de sua vida. Houve, conforme é possível examinar, um ligeiro aumento do percentual de usuários e experimentadores, nesta rede, ocorrendo, em contrapartida, uma pequena diminuição entre a distância que separa os percentuais de usuários e aqueles de experimentadores.

Esse resultado, por si só, é significativo, na medida em que, no interior da amostra, proporcionalmente, é menor o número de turmas e, por conseguinte, de estudantes da rede particular, objeto da seleção, de acordo com as razões explicitadas na parte metodológica deste trabalho.

TABELA III

CLASSIFICAÇÃO DOS SUJEITOS COMPONENTES DA AMOSTRA ESTRATIFICADA, SEGUNDO GRUPOS DE USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS (Rede Oficial)

MODELO A

USUÁRIO		EXPERIMENTADOR		NÃO-USUÁRIO	
Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
063	3,6	107	6,1	1584	90,3

MODELO B

USUÁRIO		EXPERIMENTADOR		NÃO-USUÁRIO	
Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
058	2,8	126	6,2	1881	91,0

Entre os alunos das escolas públicas que responderam o questionário modelo A, num total de 1.754 estudantes, apareceram 63 usuários (3,6%); 107 experimentadores (6,1%) e 1.584 não-usuários (90,3%).

As porcentagens de usuários e de experimentadores somam 9,7%. Deste total, 31,1% são usuários e 62,9, experimentadores, revelando, pois, proporção aproximada de três usuários para cada cinco experimentadores, em relação a cem alunos.

O exame destes mesmos dados com referência ao questionário modelo B revelou a existência de 58 usuários (2,8%), 126 experimentadores (6,2%) e 1.881 não-usuários (91,0%). No conjunto, 9,0% da população pesquisada — isto é, 9 alunos entre 100 da rede oficial — já experimentaram ou utilizaram, num período determinado de sua vida, drogas sem controle médico ou com fins não-medicamentosos. A relação usuário/experimentador indica um usuário para cada dois experimentadores.

Comparativamente à rede particular, há, nas escolas oficiais pesquisadas, um leve declínio nas taxas de prevalência de usuários e de experimentadores. No entanto, mesmo assim, a distância que separa as taxas de prevalência em ambas as redes é de pequena expressão. Assim vejamos, no questionário modelo A a distância entre a soma das porcentagens de usuários e de experimentadores em cada rede de ensino oscila de 8,4% (particular) a 9,7% (oficial). No questionário modelo B, essa distância oscila de 9,0% (particular) a 11,3% (oficial).

TABELA IV

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO PERÍODO ESCOLAR FREQUENTADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

GRUPO	PERÍODO		MANHÃ		TARDE		NOITE		MANHÃ TARDE		MANHÃ NOITE		TARDE NOITE	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	015	2,6	014	2,2	052	5,3	02	2,4	—	—	—	—	—	—
EXPERIMENTADOR	015	2,6	039	6,0	073	7,4	04	4,7	—	—	—	—	—	—
NÃO-USUÁRIO	540	94,8	596	91,8	856	87,3	79	92,9	03	100,0	01	100,0	01	100,0
TOTAL	570	100,0	649	100,0	981	100,0	85	100,0	03	100,0	01	100,0	01	100,0

MODELO B

GRUPO \ PERÍODO	MANHÃ		TARDE		NOITE		MANHÃ TARDE		MANHÃ NOITE		TARDE NOITE	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	011	2,3	009	1,9	057	3,4	02	3,3	—	—	—	—
EXPERIMENTADOR	017	3,6	001	0,2	141	8,5	03	4,8	—	—	—	—
NÃO-USUÁRIO	447	94,1	460	97,9	1470	88,1	57	91,9	06	100,0	02	100,0
TOTAL	475	100,0	470	100,0	1668	100,0	62	100,0	06	100,0	02	100,0

Ao se examinarem os dados relativos à distribuição de alunos por período escolar freqüentado, observou-se que houve, efetivamente, uma tendência a uma maior concentração de estudantes do período noturno, comparativamente aos estudantes que freqüentam escola nos períodos da manhã e da tarde. As razões desse fato reportam-se à própria composição no universo empírico de investigação. Havendo maior quantidade de turmas no período noturno, natural fosse que a aplicação de procedimentos seletivos reclamasse inclusão, na amostra, de maior número de alunos que freqüentam aquele período, a fim de assegurar sua representatividade, o que de fato ocorreu. Isto posto, recorreu-se ao procedimento de calcular a prevalência de usuários e de experimentadores proporcionalmente ao número de turmas sorteadas em cada período.

Quanto ao questionário modelo A, os dados desta tabela revelam que maior porcentagem de usuários se encontra no período noturno (5,3%), seguindo-se aqueles localizados no período da manhã (2,6%). Nesse sentido, identificaram-se 52 usuários no período noturno e 15 usuários no período da manhã. Com relação ao período da tarde, aparecem 14 usuários (2,2%).

Relativamente aos experimentadores, aparecem 73 alunos (7,4%) no período noturno, 39 estudantes (6,0%) no período da tarde e 15 alunos (2,6%) no período da manhã. É interessante observar a ocorrência de maior prevalência de experimentadores no período da tarde em comparação aos usuários.

Por outro lado, somando-se as porcentagens de usuários e de experimentadores nos diversos períodos escolares, observa-se que o período noturno apresenta 12,7% de alunos

que já experimentaram ou utilizaram drogas com fins não medicamentosos, em comparação ao período da tarde com 8,2% de alunos e ao período da manhã com 5,2% do total. Concluindo, com relação ao questionário modelo A, o período noturno apresenta maior prevalência de usuários e de experimentadores.

Tratando-se do questionário modelo B, verificou-se a existência de 11 usuários (2,3%) que freqüentam escola no período da manhã, 09 usuários (1,9%) que freqüentam escola no período da tarde e 57 usuários (3,4%) que freqüentam escola no período noturno. Assim sendo, embora o número de casos de uso de drogas, em termos absolutos, seja predominante entre os estudantes do período noturno, verifica-se, a partir da aplicação do cálculo proporcional já referido, que a distância que separa os estudantes dos diversos períodos, no que concerne à prevalência de usuários, não é tão acentuada.

No caso dos experimentadores, essa tendência sofre algumas alterações, pois associados os dados correspondentes aos períodos da manhã e da tarde, temos 17 estudantes (3,6%) e um estudante (0,2%), respectivamente, não perfazendo sequer metade da taxa de prevalência observada no período noturno (141 casos de experimentação, correspondendo ao percentual de 8,5%).

Assim sendo, para ambos modelos de questionários, poderíamos suscitar, como primeira observação, que as oportunidades para experimentação e uso de drogas entre estudantes que freqüentam escolas públicas e privadas no período noturno são mais acentuadas, do que aquelas oferecidas aos estudantes dos demais períodos.

TABELA V

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO PERÍODO ESCOLAR FREQUENTADO

(Redes Particular)

MODELO A

GRUPO \ PERÍODO	MANHÃ		TARDE		NOITE		MANHÃ TARDE		MANHÃ NOITE		TARDE NOITE	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	06	2,2	—	—	013	6,3	01	2,0	—	—	—	—
EXPERIMENTADOR	10	3,7	—	—	013	6,3	01	2,0	—	—	—	—
NÃO-USUÁRIO	253	94,1	—	—	179	87,4	48	96,0	02	100,0	—	—
TOTAL	269	100,0	—	—	205	100,0	50	100,0	02	100,0	—	—

MODELO B

GRUPO \ PERÍODO	MANHÃ		TARDE		NOITE		MANHÃ TARDE		MANHÃ NOITE		TARDE NOITE	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	02	1,1	—	—	18	5,9	01	2,9	—	—	—	—
EXPERIMENTADOR	05	2,9	—	—	31	10,2	01	2,9	—	—	—	—
NÃO-USUÁRIO	166	96,0	02	100,0	254	83,9	32	94,2	—	—	—	—
TOTAL	173	100,0	02	100,0	303	100,0	34	100,0	—	—	—	—

Com relação ao questionário modelo A, verifica-se que, nas escolas da rede particular, é o período noturno que apresenta porcentagem maior tanto de usuários — 13 casos (6,3%) — quanto de experimentadores — 13 casos (6,3%).

Quanto ao período da manhã, aparece maior porcentagem de experimentadores, com dez casos (3,7%) do que de usuários, 6 casos (2,2%).

Releva notar que não se registra dado algum referente ao período da tarde, nas escolas da rede particular para este modelo de questionário.

Comparando-se a soma das porcentagens de usuários e de experimentadores, no período noturno (12,6%) com aquela registrada no período matutino (5,9%), observa-se a maior prevalência do fenômeno de uso e experimentação de drogas no período noturno.

Relativamente ao questionário modelo B, verificaram-se os seguintes resultados para as escolas que compõem a rede particular: constatou-se a existência de 02 usuários no período da manhã (1,1%); 18 usuários no período noturno (5,9%) e um usuário que frequenta escola simultaneamente nos períodos da manhã e tarde.

Quanto aos experimentadores, foram identificados 05 casos no período da manhã (2,9%), 31 casos no período da noite (10,2%) e um caso de experimentação entre estudantes que frequentam escola, simultaneamente, nos períodos da manhã e tarde (2,9%).

Nesse sentido, há maior prevalência de uso e experimentação de drogas no período noturno. No mais, não foram registrados dados referentes a usuários e experimentadores, no período da tarde.

TABELA VI

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO PERÍODO ESCOLAR FREQUENTADO

(Rede Oficial)

MODELO A

GRUPO \ PERÍODO	MANHÃ		TARDE		NOITE		MANHÃ TARDE		MANHÃ NOITE		TARDE NOITE	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	09	3,0	013	2,0	039	5,1	01	2,9	—	—	—	—
EXPERIMENTADOR	05	1,7	039	6,1	060	7,8	03	8,6	—	—	—	—
NÃO-USUÁRIO	287	95,3	592	91,9	666	87,1	31	88,5	01	100,0	01	100,0
TOTAL	301	100,0	644	100,0	765	100,0	35	100,0	01	100,0	01	100,0

MODELO B

GRUPO \ PERÍODO	MANHÃ		TARDE		NOITE		MANHÃ TARDE		MANHÃ NOITE		TARDE NOITE	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	09	3,0	09	1,9	039	2,8	01	3,6	—	—	—	—
EXPERIMENTADOR	12	4,0	01	0,2	110	8,0	02	7,1	—	—	—	—
NÃO-USUÁRIO	281	93,0	458	97,9	1223	89,2	25	89,3	06	100,0	02	100,0
TOTAL	302	100,0	468	100,0	1372	100,0	28	100,0	06	100,0	02	100,0

No que concerne ao questionário modelo A, nas escolas da rede oficial, é também o período noturno que apresenta maior porcentagem de usuários — 39 casos (5,1%) — e de experimentadores — 60 casos (7,8%) —, proporcionalmente ao número de alunos dos respectivos períodos que compuseram a amostra estratificada. A soma das porcentagens aqui referidas perfaz 12,9%.

Contrariamente ao que ocorre com os dados referentes às escolas da rede particular, no período da manhã, aparece porcentagem maior de usuários — 9 casos (3,0%) — do que de experimentadores — 5 casos (1,7%). Esses dois grupos, neste período, totalizam 4,7%.

Entretanto, no período da tarde, aparece porcentagem maior de experimentadores — 39 casos (6,1%) — do que de usuários — 13 casos (2,0%) —, perfazendo o total de 8,1% de alunos que usaram ou experimentaram drogas com fins não medicamentosos.

Quanto ao questionário modelo B, nas escolas públicas, a frequência de usuários, entre os diversos turnos, é — a grosso modo — semelhante, sobretudo, se justapostos os dados relativos aos períodos da manhã e da noite. Assim sendo, entre 100 estudantes pesquisados, do período da manhã, 3,0% foram classificados como usuários, ao passo que, no período noturno, 2,8% foram identificados como usuários de drogas.

A experimentação, por sua vez, revelou algumas alterações. Se observado o resultado obtido para o período da manhã, verificaremos que em 4,0% dos estudantes pesquisados ocorre essa espécie de comportamento. Quanto ao período da tarde, os dados não parecem acusar grande significância. No entanto, no que respeita ao período noturno, há 8,0% de casos de experimentação de drogas, entre os estudantes pesquisados.

Comparando-se os resultados obtidos com os questionários modelos A e B, constata-se que há, por conseguinte, pequenas diferenças entre escolas públicas e privadas, muito embora permaneça a tendência geral no sentido de ocorrer maior prevalência de usuários e de experimentadores entre os estudantes que freqüentam escola no período noturno.

As diferenças apontadas ora agem para minimizar distinções de prevalência entre diversos turnos, ora agem para sublinhar a concentração de casos de uso ou de experimentação de drogas em determinado turno.

TABELA VII

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Grupo Faixa etária (anos completos)	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Até 12 anos	03	3,5	02	1,5	066	3,2
13 anos	07	8,4	10	7,5	227	11,0
14 anos	06	7,1	27	20,3	354	17,1
15 anos	11	13,0	15	11,3	352	17,0
16 anos	13	15,5	25	18,8	330	15,9
17 anos	14	16,7	17	12,8	290	14,0
18 anos	13	15,5	20	15,0	184	8,9
Entre 19 e 25 anos	14	16,7	17	12,8	233	11,2
Entre 26 e 35 anos	02	2,4	—	—	030	1,4
Mais de 35 anos	01	1,2	—	—	04	0,2
Sem resposta	—	—	—	—	02	0,1
Total	84	100,0	133	100,0	2072	100,0

MODELO B

Grupo Faixa etária (anos completos)	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Até 12 anos	—	—	03	1,8	073	3,0
13 anos	03	3,7	03	1,8	280	11,7
14 anos	06	7,5	08	5,0	365	15,2
15 anos	11	13,8	20	12,1	382	15,9
16 anos	13	16,2	31	19,1	380	15,7
17 anos	14	17,5	23	14,2	314	13,0
18 anos	12	15,0	31	19,1	252	10,5
Entre 19 e 25 anos	21	26,3	41	25,1	315	13,0
Entre 26 e 35 anos	—	—	03	1,8	040	1,7
Mais de 35 anos	—	—	—	—	02	0,1
Sem resposta	—	—	—	—	03	0,2
Total	80	100,0	163	100,0	2406	100,0

Com relação ao questionário modelo A, verifica-se que maior porcentagem de usuários se encontra na faixa etária de 16 a 25 anos (64,4%). Nesta faixa etária, aparece maior prevalência de uso de drogas com as idades de 17 anos, com 14 casos (16,7%) e de 19 a 25 anos, com 14 casos (16,7%), seguindo-se as idades de 16 anos, com 13 casos (15,5%) e de 18 anos, também 13 casos (15,5%).

Entre os experimentadores, as idades de 14 anos, 16 anos e 18 anos revelam maior prevalência, totalizando 72 casos, correspondendo a 54,1% do total, sendo que o pico aparece em 14 anos — 27 casos (20,3%).

Observa-se, assim, que a idade de maior prevalência de experimentação de drogas — 14 anos — precede aquela de prevalência maior de uso — 17 anos e 19 a 25 anos.

Com relação ao questionário modelo B, o exame dos dados contidos nesta tabela revela que a maior prevalência de usuários está classificada na faixa etária que compreende estudantes entre 19 e 25 anos completos (26,3%). Contudo, associando-se os dados relativos às faixas etárias de 15 a 18 anos, temos 50 usuários (62,5%) identificados entre os estudantes pesquisados, quer na rede particular quer na rede oficial. Embora os resultados obtidos identifiquem a existência de 03 usuários com idade atual de 13 anos (3,7%) — dado esse indicativo de que esta forma de comportamento pode ter início em torno dos 13 ou 14 anos — é possível pensar que a maior frequência de usuários oscila entre 15 e 18 anos. Com efeito, dentro dessa escala, foi registrado, individualmente, o maior índice entre os estudantes que contavam com 17 anos (17,5%), no momento da coleta de dados.

No caso da experimentação de drogas, essa tendência prevalece de forma ainda mais acentuada. Embora tenham sido verificados 41 casos (25,1%) de experimentação entre os estudantes pesquisados que se situam na faixa etária entre 19 e 25 anos, as faixas etárias que compreendem estudantes entre 14 e 18 anos perfazem 113 casos (69,5%).

Diferentemente do que ocorreu com usuários, foram identificados 03 experimentadores (1,8%) com idade de até 12 anos. Por outro lado, analisando-se os dados referentes a usuários, verifica-se a existência de uma espécie de "continuum", onde há pontos no extremo da escala e pontos médios. No caso dos experimentadores, esse "continuum" não existe, na faixa etária entre 14 e 18 anos, ocorrendo nuances internas. O fato parece ser significativo, pois pode sugerir que a experimentação de drogas é um fenômeno intermitente, pelo menos no que se refere ao aspecto de faixa etária.

De qualquer modo, tal como ocorreu com os dados relativos ao questionário modelo A, a idade de experimentação parece preceder a idade de uso de drogas.

TABELA VIII

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES,
COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO
FAIXA ETÁRIA

(Rede Particular)

MODELO A

Grupo Faixa etária (anos completos)	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Até 12 anos	—	—	—	—	09	1,9
13 anos	—	—	—	—	24	5,0
14 anos	—	—	01	4,0	41	8,5
15 anos	01	5,0	03	12,0	61	12,7
16 anos	03	15,0	02	8,0	82	17,0
17 anos	03	15,0	02	8,0	74	15,3
18 anos	05	25,0	06	24,0	69	14,3
Entre 19 e 25 anos	06	30,0	11	44,0	99	20,5
Entre 26 e 35 anos	01	5,0	—	—	19	4,0
Mais de 35 anos	01	5,0	—	—	02	0,4
Sem resposta	—	—	—	—	002	0,4
Total	20	100,0	25	100,0	482	100,0

MODELO B

Grupo Faixa etária (anos completos)	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Até 12 anos	—	—	—	—	22	4,8
13 anos	01	4,6	—	—	34	7,5
14 anos	—	—	—	—	47	10,4
15 anos	03	13,6	04	10,8	72	15,9
16 anos	01	4,6	03	8,2	49	10,8
17 anos	02	9,1	05	13,5	58	12,8
18 anos	03	13,6	10	27,0	45	9,9
Entre 19 e 25 anos	12	54,5	13	35,1	104	22,9
Entre 26 e 35 anos	—	—	02	5,4	21	4,6
Mais de 35 anos	—	—	—	—	02	0,4
Sem resposta	—	—	—	—	—	—
Total	22	100,0	37	100,0	454	100,0

Relativamente ao questionário modelo A, a prevalência maior de usuários aparece na faixa etária entre 19 e 25 anos, com o registro de 06 casos (30,0%), vindo a seguir 18 anos, com 05 casos (25,0%), nas escolas da rede particular.

De forma semelhante, com relação aos experimentadores, a prevalência maior é indicada pela faixa entre 19 e 25 anos, com 11 alunos (44,0%), seguindo-se a idade de 18 anos, com 06 alunos (24,0%).

Um exame desses mesmos dados, relativamente agora ao questionário modelo B, indica os seguintes resultados. Entre os estudantes pesquisados, verificaram-se 12 usuários de drogas (54,4%), com idade entre 19 e 25 anos. No mais, registraram-se 03 usuários (13,6%) com 15 anos, 02 usuários (9,1%) com 17 anos e 03 usuários (13,6%), com 18 anos. Associando-se os dados referentes às faixas etárias que compreendem estudantes de 15 a 18 anos, temos 09 usuários (40,9%), índice este que sequer se aproxima daquele correspondente aos usuários com idade entre 19 e 25 anos completos.

No que concerne aos experimentadores, foram observados 13 casos (35,1%) entre os estudantes da faixa etária entre 19 e 25 anos. Ainda que tenham sido identificados casos nas outras faixas etárias, o dado mais relevante diz respeito à existência de 10 casos (27,0%) entre os estudantes com 18 anos de idade. Assim sendo, conquanto se possa falar em concentração de casos em determinados estratos, essa ocorrência se verifica entre estudantes cujas idades variam entre 18 e 25 anos, pois perfazem o percentual de 62,1%, confirmando-se, por conseguinte, as tendências observadas com o exame dos dados referentes aos usuários da rede particular.

Em ambos modelos de questionários, o fenômeno do uso abusivo de drogas entre os estudantes das escolas privadas está mais presente nas faixas etárias mais elevadas.

TABELA IX

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES,
COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO
FAIXA ETÁRIA

(Rede Oficial)

MODELO A

Grupo Faixa etária (anos completos)	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Até 12 anos	03	4,8	02	1,8	057	3,7
13 anos	07	11,1	10	9,2	202	12,8
14 anos	06	9,5	26	24,0	310	19,7
15 anos	10	15,9	12	11,2	289	18,4
16 anos	10	15,9	23	21,3	244	15,5
17 anos	11	17,4	15	13,9	214	13,6
18 anos	08	12,7	14	13,0	114	7,3
Entre 19 e 25 anos	07	11,1	06	5,6	131	8,3
Entre 26 e 35 anos	01	1,6	—	—	011	0,7
Mais de 35 anos	—	—	—	—	02	0,0
Sem resposta	—	—	—	—	—	—
Total	63	100,0	108	100,0	1574	100,0

MODELO B

Grupo Faixa etária (anos completos)	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Até 12 anos	—	—	03	2,4	051	2,6
13 anos	02	3,5	03	2,4	246	12,5
14 anos	06	10,3	08	6,3	318	16,2
15 anos	08	13,8	16	12,7	313	16,0
16 anos	12	20,7	18	22,2	332	17,0
17 anos	12	20,7	18	14,3	257	13,1
18 anos	09	15,5	21	16,7	209	10,7
Entre 19 e 25 anos	09	15,5	28	22,2	211	10,8
Entre 26 e 35 anos	—	—	01	0,8	019	1,0
Mais de 35 anos	—	—	—	—	—	—
Sem resposta	—	—	—	—	03	0,1
Total	58	100,0	126	100,0	1959	100,0

Com referência ao questionário modelo A, a maior concentração de usuários encontra-se na faixa etária de 15 a 17 anos (49,2%), com o total de 31 casos, muito embora, isoladamente, a idade de 17 anos apresente maior número de casos, no total de 11 (17,4%), nas escolas da rede oficial.

Com relação aos experimentadores, a maior prevalência aparece na idade de 14 anos, com 26 casos (24,0%), vindo a seguir a idade de 16 anos, com 23 casos (21,3%), perfazendo esse grupo etário 49 casos (46,3%).

Observou-se, aqui, que a idade de experimentação é pouco inferior à idade de uso de drogas.

Quanto ao questionário modelo B, a frequência do uso e experimentação de drogas entre os estudantes das escolas públicas revelou maior concentração de usuários nas faixas etárias que compreendem desde os 14 anos até os 18 anos. Tratam-se de 47 casos (81,0%), que, quando cotejados com 09 casos observados na faixa entre 19 e 25 anos (16,5%), revelam, sobremaneira, maior prevalência de usuários nos estratos etários menos elevados, contrariamente ao fenômeno observado entre alunos que frequentam escolas públicas. No interior desse mesmo aspecto, pode-se ainda constatar a maior prevalência de usuários com idade entre 16 a 17 anos. Neste plano, também se verificou um progressivo "continuum", tal como anteriormente observado no exame dos dados relativos aos usuários das escolas privadas.

Quanto aos experimentadores que frequentam escolas públicas, pode-se argumentar que a tendência registrada para os usuários também se confirma. Assim sendo, os 91 casos (72,2%) de experimentação identificados referem-se aos estudantes que frequentam escolas públicas e que se encontram nas faixas etárias entre 14 e 18 anos. Esse resultado é bastante significativo na medida em que, em contrapartida, apenas 28 casos de experimentação de drogas (22,2%) dizem respeito a estudantes com idade entre 19 e 25 anos.

Assim sendo, tanto para os resultados alcançados com o questionário modelo A quanto para aqueles obtidos com o questionário modelo B, observa-se que, enquanto nas escolas privadas o fenômeno da experimentação e uso de drogas concentra-se, sobremaneira, nos estratos etários mais elevados, fato inverso ocorre nas escolas que compõem a rede pública, vez que a maior prevalência de usuários e experimentadores refere-se, quase sempre, aos estratos etários inferiores ou médios.

TABELA X

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO SEXO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Grupo \ Sexo	Usuário		Experi-mentador		Não - Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Masculino	038	45,8	065	48,5	868	42,0
Feminino	045	54,2	069	51,5	1196	57,9
Sem resposta	—	—	—	—	01	0,1
Total	083	100,0	134	100,0	2065	100,0

MODELO B

Grupo \ Sexo	Usuário		Experi-mentador		Não - Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Masculino	036	47,4	086	53,7	1159	48,5
Feminino	040	52,6	074	46,3	1217	51,0
Sem resposta	—	—	—	—	013	0,5
Total	076	100,0	160	100,0	2389	100,0

A análise dos dados referentes ao questionário modelo A revela que, independentemente do número de alunos do sexo masculino e do sexo feminino, maior porcentagem aparece para estudantes do sexo feminino, tanto entre usuários — 45 casos (54,2%) — como entre experimentadores — 69 casos (51,5%).

Entretanto, o total de alunos do sexo masculino incluídos na amostra (971) e do sexo feminino (1310) perfaz 42,6% para o sexo masculino e 57,4% para o sexo feminino.

Assim sendo, a aparente superioridade da prevalência de alunas entre os usuários (54,2%) e os experimentadores (51,5%) deve ser cotejada com a porcentagem maior — 57,4% — de elementos do sexo feminino que compõem a amostra, tornando mais relativa esta superioridade.

A análise dos dados referentes ao questionário modelo B identificou 36 usuários (47,4%) do sexo masculino e 40 usuários (52,6%) do sexo feminino. No que concerne aos experimentadores, observaram-se 86 do sexo masculino (53,7%) e 74 do sexo feminino (46,3%). A sua vez, entre os não-usuários, 1159 (48,5%) são do sexo masculino e 1127 (51,0%) são do sexo feminino.

Embora entre os usuários haja um leve predomínio de estudantes do sexo feminino, a situação inverte-se quando se trata dos experimentadores.

Considerando-se os resultados alcançados com a categoria dos não-usuários, é de se pensar que no sorteio aleatório de turmas houve maior predominância de estudantes do sexo feminino. Esta circunstância, pois, impossibilita uma exata avaliação da incidência desta variável sexo sobre o fenômeno estudado, o que nos parece que somente uma investigação de outra natureza será capaz de diagnosticar as implicações envolvidas.

TABELA XI

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO SEXO

(Rede Particular)

MODELO A

Grupo \ Sexo	Usuário		Experi-mentador		Não - Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Masculino	08	40,0	013	52,0	171	35,6
Feminino	12	60,0	012	48,0	309	64,4
Sem resposta	—	—	—	—	—	—
Total	20	100,0	025	100,0	480	100,0

MODELO B

Grupo \ Sexo	Usuário		Experi-mentador		Não - Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Masculino	014	66,6	023	63,9	238	52,8
Feminino	007	33,4	013	36,1	208	46,1
Sem resposta	—	—	—	—	005	1,1
Total	021	100,0	036	100,0	451	100,0

Nas escolas da rede particular, no que concerne ao questionário modelo A, os dados revelam maior porcentagem de alunos do sexo feminino — 12 casos (60,0%) — em comparação com os estudantes do sexo masculino — 8 casos (40,0%). Deve-se considerar, porém, que a porcentagem de alunas que compõem a amostra chega a 63,4%.

Enquanto isso, entre os experimentadores, aparece porcentagem maior de alunos do sexo masculino — 13 casos (52,0%) —, ainda que confrontada com a porcentagem de alunos do sexo masculino que compõem a amostra (36,0%). Nesta categoria, registram-se 12 casos (48,0%) do sexo feminino, embora o total de estudantes do sexo feminino que compõem a amostra supere bastante aquele do sexo masculino.

Na rede particular, no que concerne ao questionário modelo B, os resultados revelaram, com certa significância, predomínio de estudantes do sexo masculino sobre estudantes do sexo feminino, nos três grupos estudados. Assim sendo, foram identificados 14 usuários (66,6%) do sexo masculino e 07 usuários (33,4%) do sexo feminino. Entre os experimentadores, 23 (63,9%) são do sexo masculino e 13 (36,1%) do sexo feminino.

Há, portanto, nas escolas privadas, tanto para os resultados obtidos para o questionário modelo A, quanto para o questionário modelo B, uma prevalência maior de usuários e experimentadores do sexo masculino, resultado que adquire sentido, justamente quando se observam as diferenças entre grupos relativamente à variável sexo.

TABELA XII

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO SEXO

(Rede Oficial)

MODELO A

Grupo \ Sexo	Usuário		Experim-entador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Masculino	029	46,8	052	47,7	685	43,7
Feminino	033	53,2	057	52,3	883	56,3
Sem resposta	—	—	—	—	001	0,0
Total	062	100,0	109	100,0	1569	100,0

MODELO B

Grupo \ Sexo	Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Masculino	022	40,0	063	50,8	924	47,5
Feminino	033	60,0	061	49,2	1013	52,1
Sem resposta	—	—	—	—	08	0,4
Total	055	100,0	124	100,0	1945	100,0

Nas escolas da rede oficial, os dados referentes ao questionário modelo A revelam que as porcentagens de usuários (53,2%) e de experimentadores (52,3%) do sexo feminino superam aquelas do sexo masculino (46,8% e 47,7%, respectivamente). Observa-se certo equilíbrio entre a porcentagem de usuários e aquela de experimentadores.

Comparando-se estes dados com a porcentagem de alunos que compõem a amostra, nota-se que aquela do sexo masculino (44,0%) é inferior à porcentagem de usuários e de experimentadores do sexo masculino, enquanto que ocorre o inverso com a porcentagem de alunos do sexo feminino (56,0%). Isto significa, pois, que, proporcionalmente ao número de alunos de cada sexo que compuseram a amostra, há prevalência ligeiramente maior de alunos do sexo masculino entre os usuários e os experimentadores.

Nas escolas da rede oficial, relativamente ao questionário modelo B, verificou-se o que se pode considerar uma situação intermediária, haja visto os dados contidos nas tabelas anteriores. Entre os usuários, 22 (40,0%) são do sexo masculino e 33 (49,2%), do feminino. Por oposição, pesquisados 1945 não-usuários, temos que 924 (47,5%) são do sexo masculino, enquanto que 1013 (53,1%) são do sexo feminino. Embora entre os usuários haja predominância nítida do sexo feminino, entre os experimentadores o fenômeno se inverte, não havendo, porém, diferenças percentuais significativas.

Assim sendo, a incidência da variável sexo sobre o fenômeno de uso e experimentação de drogas é difícil de ser avaliada, nesta investigação, sobretudo quando se comparam os dados obtidos nas escolas privadas com aqueles atinentes às escolas públicas.

TABELA XIII

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO SÉRIE ESCOLAR FREQUENTADA

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

GRUPO \ SÉRIE	7. ^a		8. ^a		1. ^a		2. ^a		3. ^a		4. ^a	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	021	3,7	020	3,5	010	2,4	026	5,6	05	1,9	01	50,0
EXPERIMENTADOR	049	8,6	039	6,9	011	2,6	018	3,9	12	4,7	—	—
NÃO-USUÁRIO	503	87,7	505	89,6	396	95,0	417	90,5	241	93,4	01	50,0
TOTAL	573	100,0	564	100,0	417	100,0	461	100,0	258	100,0	02	100,0

MODELO B

GRUPO \ SÉRIE	7. ^a		8. ^a		1. ^a		2. ^a		3. ^a		4. ^a	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	018	2,6	020	3,2	021	3,4	011	3,0	010	3,2	—	—
EXPERIMENTADOR	040	5,6	021	3,4	055	8,9	024	6,3	023	7,5	—	—
NÃO-USUÁRIO	648	91,8	580	93,4	542	87,7	345	90,7	276	89,3	—	—
TOTAL	706	100,0	621	100,0	618	100,0	380	100,0	309	100,0		

As tabelas XIII, XIV e XV foram elaboradas com a finalidade de compararem-se os dados de usuários, experimentadores e não-usuários, registrados nas diferentes séries escolares proporcionalmente ao número total de alunos nas respectivas séries sorteadas para comporem a amostra e que responderam ao questionário.

Com relação ao questionário modelo A, os usuários localizam-se em maior porcentagem na segunda série do segundo grau — 26 casos (5,6%) — seguindo-se, na ordem, sétima série do primeiro grau — 21 casos (3,7%) — e 8.^a série do primeiro grau — 20 casos (3,5%). Excetua-se desta comparação a 4.^a série do segundo grau (especialização), uma vez que aí se encontra apenas um usuário (50,0%) para o total de 2 alunos desta série que foram sorteados para a amostra.

Os experimentadores aparecem em maior porcentagem na 7.^a série do primeiro grau, com 49 casos (8,6%), seguindo-se: 8.^a série do primeiro grau — 39 casos (6,9%); 3.^a série do segundo grau — 12 casos (4,7%) e 2.^a série do segundo grau, com 18 casos (3,9%).

De forma geral, comparando-se usuários e experimentadores, os primeiros encontram-se em maior porcentagem nas séries mais avançadas.

Quanto aos dados relativos ao questionário modelo B, verifica-se uma relativa uniformidade entre os percentuais de usuários identificados nas séries escolares frequentadas pelos estudantes pesquisados. Embora o menor percentual

tenha sido registrado entre os estudantes que cursam a 7.^a série do primeiro grau — 18 casos (2,6%) — e o maior percentual tenha sido registrado pelos estudantes que frequentam a 1.^a série do segundo grau — 21 casos (3,4%), o que se observa é que a prevalência de usuários é localizável quer entre os estudantes das últimas séries do primeiro grau, quer entre os estudantes das séries que compreendem o segundo grau.

No que concerne aos experimentadores, há diferenças significativas, quando comparadas àquelas acusadas pelo grupo de usuários. A maior prevalência de experimentadores é encontrável entre os estudantes que frequentam as escolas de segundo grau. Assim, temos 55 casos de experimentação (8,9%) entre os estudantes da primeira série do segundo grau; 24 casos (6,3%) entre os alunos da segunda série do segundo grau e 23 casos (7,5%) entre os estudantes da 3.^a série do segundo grau. Associados estes resultados, verificamos que 102 casos de experimentação (22,7%) aparecem nas turmas de segundo grau, ao passo que 61 casos dessa espécie (9,0%) aparecem entre os estudantes das duas últimas séries do primeiro grau.

Isto posto, com referência ao questionário modelo B, entendemos que o fenômeno do uso de drogas, com fins não medicamentosos é distribuído de modo uniforme entre os estudantes das escolas públicas e privadas que frequentam as séries objeto deste estudo. Quanto à experimentação de drogas, esse fenômeno é relativamente mais acentuado entre os estudantes que cursam as séries do segundo grau.

TABELA XIV

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO SÉRIE ESCOLAR FREQUENTADA

(Rede Particular)

MODELO A

GRUPO \ SÉRIE	7. ^a		8. ^a		1. ^a		2. ^a		3. ^a		4. ^a	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	—	—	02	2,7	06	5,8	011	5,5	01	0,8	—	—
EXPERIMENTADOR	—	—	03	4,1	05	4,8	009	4,5	08	6,6	—	—
NÃO-USUÁRIO	024	100,0	68	93,2	93	89,4	180	90,0	113	92,6	—	—
TOTAL	024	100,0	73	100,0	104	100,0	200	100,0	122	100,0		

MODELO B

GRUPO \ SÉRIE	7. ^a		8. ^a		1. ^a		2. ^a		3. ^a		4. ^a	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	04	5,4	—	—	014	4,8	01	2,3	03	5,0	—	—
EXPERIMENTADOR	05	6,8	—	—	023	7,9	03	6,8	06	9,8	—	—
NÃO-USUÁRIO	65	87,8	41	100,0	254	87,3	40	90,9	52	85,2	—	—
TOTAL	74	100,0	41	100,0	291	100,0	44	100,0	61	100,0	—	—

No que concerne ao questionário modelo A, os dados relativos às escolas da rede particular indicam que porcentagem maior de usuários encontra-se na primeira série do segundo grau, com 06 casos (5,8%), seguindo-se 2.^a série do segundo grau, com 11 casos (5,5%).

Quanto a experimentadores, maior porcentagem é registrada na 3.^a série do segundo grau, com 8 casos (6,6%), seguindo-se primeira série do segundo grau, com 05 casos (4,8%) e a segunda série do segundo grau, com 09 casos (4,5%).

Na rede particular, os usuários e os experimentadores aparecem com porcentagem mais elevada em classes mais avançadas, isto é, nas séries do segundo grau.

Com referência ao questionário modelo B, verifica-se uma relativa uniformidade na distribuição de usuários entre

as várias séries escolares, havendo sido registrada a menor porcentagem entre os estudantes da 2.^a série do segundo grau. A maior porcentagem de usuários refere-se a 4 casos (5,4%) localizáveis na 7.^a série do primeiro grau, seguindo-se de 03 casos (5,0%) na 3.^a série do segundo grau e 14 casos (4,8%) na primeira série do segundo grau.

Os dados atinentes aos experimentadores revelam maior prevalência entre os estudantes da 3.^a série do segundo grau — 06 casos (9,8%), seguindo-se de 23 casos (7,9%) na 1.^a série do segundo grau, 03 casos (6,8%) na 2.^a série do segundo grau e 05 casos (6,8%) na 7.^a série do primeiro grau. Em vista disso, a maior prevalência de experimentadores é localizável entre os estudantes que frequentam escolas privadas do segundo grau.

TABELA XV

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES, COMPARATIVAMENTE A NÃO-USUÁRIOS, SEGUNDO SÉRIE ESCOLAR FREQUENTADA

(Rede Oficial)

MODELO A

GRUPO \ SÉRIE	7. ^a		8. ^a		1. ^a		2. ^a		3. ^a		4. ^a	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	021	3,9	018	3,6	04	1,3	014	5,5	04	2,9	01	50,0
EXPERIMENTADOR	049	9,1	036	7,4	06	1,9	009	3,5	04	2,9	—	—
NÃO-USUÁRIO	467	87,0	437	89,0	303	96,8	233	91,0	128	94,2	01	50,0
TOTAL	537	100,0	491	100,0	313	100,0	256	100,0	136	100,0	02	100,0

MODELO B

GRUPO \ SÉRIE	7. ^a		8. ^a		1. ^a		2. ^a		3. ^a		4. ^a	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
USUÁRIO	014	2,2	020	3,5	007	2,1	010	3,0	007	2,8	—	—
EXPERIMENTADOR	035	5,6	021	3,6	032	9,6	021	6,3	017	6,8	—	—
NÃO-USUÁRIO	584	92,2	539	92,9	294	88,3	305	90,7	224	90,4	—	—
TOTAL	633	100,0	580	100,0	333	100,0	336	100,0	248	100,0	—	—

Com relação ao questionário modelo A, observa-se que nas escolas da rede oficial, parcela maior de experimentadores encontra-se na 7.ª série do primeiro grau, com 49 casos (9,1%) e na 8.ª série do primeiro grau, com 36 casos (7,4%). Por sua vez, os usuários estão em porcentagem maior na 2.ª série do segundo grau, com 14 casos (5,5%), seguindo-se a 7.ª série do primeiro grau, com 21 casos (3,9%) e a 8.ª série do primeiro grau, com 18 casos (3,7%).

No caso do questionário modelo A, as três últimas tabelas (XIII, XIV e XV) apontam para a hipótese de que a experimentação de drogas esteja ocorrendo nas séries inferiores da amostra estudada — 7.ª e 8.ª séries do primeiro grau — nas escolas da rede oficial, acrescida do uso de drogas em porcentagem, se não mais alta, mas ainda considerável também nestas séries. Enquanto isso, na rede particular a incidência dessas duas categorias parece estar já nas primeiras e segundas séries do segundo grau. Este último dado, porém, pode sofrer influência do fator idade, uma vez que se suponha que os alunos das escolas da rede oficial, principalmente no período noturno, ingressem nessas séries com idade mais elevada do que os da rede particular.

Quanto ao questionário modelo B, observou-se uma certa uniformidade na distribuição de casos de uso abusivo de drogas entre as séries escolares pesquisadas, ao passo que a distribuição de casos de experimentação indica oscilações entre as séries escolares estudadas. Assim sendo, foram identificados 20 usuários, nas escolas que compõem a rede oficial, na 8.ª série do primeiro grau (3,5%), 07 usuários (2,8%) na 3.ª série do segundo grau, 10 usuários (3,0%) na 2.ª série do segundo grau, 14 usuários (2,2%) na 7.ª série do primeiro grau e 07 usuários (2,1%) na 1.ª série do segundo grau.

Quanto aos experimentadores, nas escolas públicas, o maior percentual foi registrado entre os estudantes que freqüentam a 1.ª série do segundo grau — 32 casos (9,6%), seguindo-se 17 casos de experimentação (6,8%) na 3.ª série do segundo grau e 21 casos de experimentação (6,3%) na 2.ª série do segundo grau. As duas últimas séries do primeiro grau acusaram percentuais menores. Nesse sentido, no que concerne ao fenômeno de experimentação de drogas, nas escolas públicas, ocorreu maior prevalência entre estudantes que cursam as séries do segundo grau, do que entre os estudantes que freqüentam as duas últimas séries do primeiro grau (7.ª e 8.ª).

Relativamente ao questionário modelo B, as principais observações revelam que, tanto nas escolas privadas quanto nas escolas públicas, a distribuição de casos de uso abusivo de drogas apresenta relativa uniformidade, enquanto que o fenômeno da experimentação indica maior concentração de casos nas séries escolares mais avançadas.

TABELA XVI

INCIDÊNCIA DO USO DE BEBIDAS ALCÓOLICAS, POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS, NOS ÚLTIMOS SEIS MESES

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Incidência \ Grupo	Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez	026	32,5	039	32,2	928	47,5
Menos de 4 vezes por mês	034	42,5	051	42,1	818	41,9
De 5 a 10 vezes por mês	016	20,0	018	14,9	138	7,1
Mais de 10 vezes por mês	004	5,0	012	9,9	060	3,0
Sem resposta	—	—	001	0,9	010	0,5
Total	080	100,0	121	100,0	1954	100,0

MODELO B

Incidência \ Grupo	Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez	019	28,1	036	24,8	1021	45,7
Menos de 4 vezes por mês	036	42,1	089	58,4	1079	43,1
De 5 a 10 vezes por mês	013	15,8	018	9,6	192	7,9
Mais de 10 vezes por mês	012	14,0	019	7,2	087	3,2
Sem resposta	—	—	—	—	02	0,1
Total	080	100,0	162	100,0	2381	100,0

Com referência ao questionário modelo A, nas escolas da rede oficial e particular, aparece maior incidência de uso de bebidas alcoólicas (mais de dez vezes por mês) entre os experimentadores, com 12 casos (9,9%) e menor entre os não-usuários, com 60 casos (3,1%).

É também entre os não-usuários que aparece maior abstenção de uso de bebidas alcoólicas nos últimos seis meses, com 928 casos (47,5%), em relação ao total desta categoria de 1954.

No uso mais freqüente de bebida alcoólica (de 5 a dez vezes por mês somado a mais de dez vezes por mês) é que surge diferença mais significativa entre as porcentagens de usuários e de experimentadores de drogas em comparação com o não-usuário de droga. Com efeito, da soma destes dados resultam 25,0% (20 casos) para usuários, 24,8% (30 casos) para experimentadores e 10,2% (198 casos) para não-usuários, permitindo inferir pela possibilidade de existência de alguma relação positiva entre o uso de drogas e o uso de bebida alcoólica, sem que se possa provar aqui a veracidade da hipótese.

No que concerne ao questionário modelo B, conforme se pode verificar pelo exame dos dados contidos nesta tabela, a maior incidência do uso de bebidas alcoólicas centra-se, nos três grupos objeto deste estudo, em torno da freqüência de menos de quatro vezes por mês. Assim sendo, foram identificados 36 usuários (45,0%), 89 experimentadores (54,9%) e 1079 não-usuários (45,3%). A freqüência do uso de bebidas alcoólicas entre os não-usuários de outras drogas é acentuadamente baixa. Já, por sua vez, entre os usuários de drogas, 13 (16,3%) indicaram uma freqüência do uso de bebidas alcoólicas de 5 a dez vezes por mês e 12 (15,0%) indicaram freqüência do uso de bebidas alcoólicas de mais de dez vezes por mês. No caso dos experimentadores, 18 (11,1%) apresentaram a freqüência de uso de bebidas alcoólicas entre 5 a 10 vezes por mês e 19 (11,7%) indicaram freqüência do uso de bebidas alcoólicas de mais de dez vezes por mês.

Embora os maiores percentuais denotativos de freqüências de uso de bebidas alcoólicas mais elevadas sejam localizáveis entre os usuários, pode-se verificar que o fenômeno também se repete quando se trata de experimentadores.

As principais informações contidas nesta tabela sugerem uma certa aproximação — cujos parâmetros, porém, não é possível avaliar com segurança — entre o uso abusivo e a experimentação de drogas e o consumo de bebidas alcoólicas.

A extensão desse problema somente é passível de exame cuidadoso, caso se pudesse investigar o uso simultâneo de drogas diversas com o uso de bebidas alcoólicas, o que não nos afigurou possível, dada a natureza dos métodos adotados.

TABELA XVII

INCIDÊNCIA DO USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS, POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS, NOS ÚLTIMOS SEIS MESES

(Rede Particular)

MODELO A

Incidência	Grupo	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
		FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez		07	35,0	09	36,0	190	40,8
Menos de 4 vezes por mês		09	45,0	06	24,0	206	44,3
De 5 a 10 vezes por mês		04	20,0	08	32,0	048	10,4
Mais de 10 vezes por mês		—	—	02	8,0	021	4,5
Sem resposta		—	—	—	—	—	—
Total		20	100,0	25	100,0	465	100,0

MODELO B

Incidência	Grupo	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
		FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez		03	13,1	05	13,5	137	30,5
Menos de 4 vezes por mês		12	52,1	16	43,3	245	54,4
De 5 a 10 vezes por mês		04	17,4	06	16,2	042	9,3
Mais de 10 vezes por mês		04	17,4	10	27,0	026	5,8
Sem resposta		—	—	—	—	—	—
Total		23	100,0	37	100,0	450	100,0

Nas escolas que compõem a rede particular, no que se refere ao questionário modelo A, verificou-se que aparece maior incidência de bebidas alcoólicas (mais de dez vezes por mês) entre os experimentadores — 02 casos (8,0%) — e a menor incidência entre os usuários.

É entre os não-usuários que aparece maior abstenção de uso de bebidas alcoólicas nos últimos seis meses — 190 casos (40,8%).

Somando-se as porcentagens de abstenções (nenhuma vez) e de uso menos freqüente (menos de quatro vezes por mês), encontramos 396 casos (85,1%) para não-usuários de drogas, 16 casos (80,0%) para usuários e 15 casos (60,0%) para experimentadores.

Nas escolas privadas, no que concerne ao questionário modelo B, tendo-se como ponto de partida a freqüência de menos de quatro vezes por mês, no uso de alguma bebida alcoólica, foram identificados 12 usuários (52,1%), 16 experimentadores (43,3%) e 245 não-usuários (54,4%).

De igual modo, as freqüências mais elevadas no uso de bebidas alcoólicas foram encontradas entre os usuários e experimentadores. Entre os estudantes identificados como usuários de outras drogas, 4 (17,4%) tomaram, nos últimos seis meses, alguma bebida alcoólica, numa freqüência de 5 a dez vezes por mês. O mesmo percentual foi registrado entre os usuários, cuja freqüência, no uso de bebidas alcoólicas é de mais de dez vezes por mês (17,4%). Entre os experimentadores, 06 (16,2%) tomaram alguma bebida alcoólica, com a freqüência entre cinco a dez vezes por mês e 10 experimentadores (27,0%) acusaram a freqüência de mais de dez vezes por mês no uso de bebidas alcoólicas.

Portanto, com relação ao questionário modelo B, comparativamente aos dados gerais — que reúnem informações de ambas as redes de ensino — a hipótese de eventual aproximação entre o uso e experimentação de outras drogas simultaneamente ao uso de bebidas alcoólicas parece aqui ser mais acentuada.

TABELA XVIII

INCIDÊNCIA DO USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS, NOS ÚLTIMOS SEIS MESES

(Rede Oficial)

MODELO A

Incidência	Grupo	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
		FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez		019	32,2	030	31,3	731	49,5
Menos de 4 vezes por mês		024	40,7	045	46,9	610	41,2
De 5 a 10 vezes por mês		012	20,4	010	10,4	089	6,0
Mais de 10 vezes por mês		04	6,7	010	10,4	039	2,6
Sem resposta		—	—	01	1,0	010	0,7
Total		059	100,0	096	100,0	1479	100,0

MODELO B

Incidência	Grupo	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
		FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez		016	23,7	031	22,3	886	42,9
Menos de 4 vezes por mês		024	45,0	073	54,9	837	45,3
De 5 a 10 vezes por mês		009	16,3	012	11,1	152	8,0
Mais de 10 vezes por mês		008	15,0	009	11,7	062	3,7
Sem resposta		—	—	—	—	02	0,1
Total		057	100,0	125	100,0	1939	100,0

Com relação ao questionário modelo A, nas escolas da rede oficial, aparece maior incidência de uso de bebidas alcoólicas (mais de dez vezes por mês) entre os experimentadores com 10 casos (10,4%) e menor entre não-usuários, com 39 casos (2,6%).

Maior abstenção de uso de bebidas alcoólicas, nos últimos seis meses (nenhuma vez) aparece entre os não-usuários, com 731 casos (49,5%). Somando-se os percentuais de abstenções (nenhuma vez) e de uso menos freqüente (menos de 4 vezes por mês), encontramos 1341 casos (90,6%) para não-usuários de drogas, 75 casos (78,2%) para experimentadores de outras drogas e 43 casos (72,9%) para usuários de outras drogas.

Relativamente ao questionário modelo B, nas escolas públicas a tendência observada nas tabelas anteriores (XVI e XVII) confirmou-se no caso dos dados atinentes às escolas que compuseram a amostra. Isto posto, temos: 24 usuários (42,1%), 73 experimentadores (58,4%) e 837 não-usuários (43,1%) acusaram a freqüência de menos de quatro vezes por mês no uso de alguma bebida alcoólica. Entre aqueles cuja freqüência no uso de alguma bebida alcoólica é entre cinco a dez vezes por mês, foram identificados 9 usuários (15,8%) e 12 experimentadores (9,6%). Já, entre aqueles cuja freqüência no uso de alguma bebida alcoólica é de mais de dez vezes por mês, foram observados 8 usuários (14,0%) e 09 experimentadores (7,2%).

No caso das escolas públicas, o que se observou — tanto no questionário modelo A quanto no questionário modelo B — é a maior prevalência de usuários com incidência relativamente elevada de uso de alguma bebida alcoólica, se comparada com as taxas registradas pelos experimentadores e pelos não-usuários.

Não obstante todas essas considerações, seja em relação às escolas públicas, seja em relação às escolas privadas, a maior prevalência de usuários e experimentadores acusou baixa freqüência do uso de bebidas alcoólicas, o que dificulta qualquer conclusão no sentido de comprovar uma relação positiva entre o uso de outras drogas e o uso de bebidas alcoólicas.

TABELA XIX

INCIDÊNCIA DO USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS, POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS (Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Grupo Incidência	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez	027	36,5	025	27,5	983	50,1
De 1 a 5 vezes	029	39,2	046	50,5	773	39,4
De 6 a 10 vezes	07	9,4	05	5,5	43	2,2
Mais de 10 vezes	011	14,9	015	16,5	159	8,1
Sem resposta	—	—	—	—	03	0,2
Total	074	100,0	091	100,0	1961	100,0

MODELO B

Grupo Incidência	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez	026	32,5	053	32,7	1352	58,3
De 1 a 5 vezes	039	48,8	084	51,8	793	34,2
De 6 a 10 vezes	03	3,7	013	8,0	039	1,7
Mais de 10 vezes	011	13,8	012	7,5	133	5,7
Sem resposta	01	1,2	—	—	03	0,1
Total	080	100,0	162	100,0	2320	100,0

Com relação ao questionário modelo A, entre os usuários aparece a maior porcentagem na freqüência de uma a cinco vezes no uso de solventes voláteis, com 29 casos (39,2%), seguindo-se de abstenção total com 27 casos (36,5%).

Entre os experimentadores, aparece maior porcentagem, no uso de solventes voláteis, na freqüência de uma a cinco vezes, com 46 casos (50,5%), vindo a seguir a freqüência indicativa de abstenção (nenhuma vez), com 25 casos (27,5%).

Entre os não-usuários, porém, o fenômeno ocorre de forma inversa. Em primeiro lugar, encontra-se a abstenção, com 983 casos (50,1%) e, em segundo lugar, a freqüência de uma a cinco vezes, no uso de solventes voláteis, com 773 casos (39,4%). A maior freqüência apontada (mais de 10 vezes) expressa em maior porcentagem ocorreu entre experimentadores, com 15 casos (16,5%) e em menor porcentagem ocorreu entre não usuários, com 159 casos (8,1%).

Quanto ao questionário modelo B, verificou-se que, entre os estudantes identificados como usuários, 39 (48,8%) indicaram haver utilizado solventes voláteis na freqüência de uma a cinco vezes; 03 usuários (3,7%) acusaram a freqüência de 6 a 10 vezes e 11 usuários (13,8%) acusaram a freqüência de mais de dez vezes. Apesar disso, 26 usuários declararam nunca haver utilizado solventes voláteis.

Entre os estudantes identificados como experimentadores, 84 indicaram a freqüência de uma a cinco vezes no uso de solventes voláteis; 13 indicaram a freqüência de 06 a 10 vezes e 12 indicaram a freqüência de mais de dez vezes, correspondendo aos percentuais de 51,8%, 8,0% e 7,5%, respectivamente. No entanto, 53 experimentadores informaram nunca haver utilizado esse tipo de substância.

No caso dos não-usuários, as maiores incidências são aquelas que apresentam, justamente, os menores percentuais de prevalência. Nesse sentido, os dados contidos na referida tabela, embora acusem a baixa incidência do uso de solventes voláteis, indicam, em contrapartida, que as maiores incidências, quando ocorrem, referem-se, quase sempre, a usuários e, em proporções menores, a experimentadores.

TABELA XX

INCIDÊNCIA DO USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS, POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS (Rede Particular)

MODELO A

Grupo Incidência	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez	09	45,0	09	36,0	235	50,3
De 1 a 5 vezes	07	35,0	15	60,0	180	38,5
De 6 a 10 vezes	01	5,0	01	4,0	07	1,5
Mais de 10 vezes	03	15,0	—	—	44	9,5
Sem resposta	—	—	—	—	01	0,2
Total	20	100,0	25	100,0	467	100,0

MODELO B

Grupo Incidência	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez	04	17,4	012	32,5	244	54,0
De 1 a 5 vezes	16	69,6	019	51,3	171	37,9
De 6 a 10 vezes	01	4,3	06	16,2	07	1,5
Mais de 10 vezes	02	8,7	—	—	29	6,4
Sem resposta	—	—	—	—	01	0,2
Total	23	100,0	037	100,0	452	100,0

Quanto ao questionário modelo A, nas escolas da rede particular, entre os usuários destacam-se abstenção de uso de solventes voláteis, com 09 casos (45,0%) e a frequência de uso destas substâncias de uma a cinco vezes, com 07 casos (35,0%).

Entre os experimentadores ocorre o contrário. Aparece maior porcentagem na frequência de uma a cinco vezes, com 15 casos (60,0%), vindo a seguir, abstenção de uso com 09 casos (36,0%).

Quanto aos não-usuários, aparece abstenção em maior porcentagem, com 235 casos (50,3%) e, depois, a frequência de uma a cinco vezes, com 180 casos (38,5%).

Quanto à frequência maior indicada (mais de dez vezes), aparece em porcentagem maior entre os usuários, com 03 casos (15,0%) e bem menor entre não-usuários, com 44 casos (9,5%). Não se registra dado algum para experimentador.

Tratando-se dos dados obtidos com o questionário modelo B, temos que, nas escolas particulares, 23 usuários (40,3%) acusaram a frequência de uma a cinco vezes no uso de solventes voláteis; 02 usuários (3,5%) indicaram a frequência de 6 a dez vezes e 09 usuários (15,9%) declararam a frequência de mais de dez vezes no uso destas substâncias. Em contrapartida, 22 usuários (38,6%) afirmaram nunca haver utilizado solventes voláteis. Conforme se pode verificar, entre os estudantes identificados como usuários, ocorre uma incidência esporádica de solventes voláteis.

Entre os experimentadores, observou-se: 65 (52,0%) declararam a frequência de uma a cinco vezes no uso de solventes voláteis; 07 (5,6%) acusaram a frequência entre 6 a dez vezes e 12 (9,6%) declararam a frequência de mais de dez vezes no uso destas substâncias. Todavia, 41 experimentadores de outras drogas (32,8%) afirmaram jamais haver utilizado solventes voláteis. Assim, quer nos parecer que a incidência esporádica no uso de solventes voláteis também se verifica entre os experimentadores.

Nas escolas que compõem a rede privada de ensino, com relação ao questionário modelo B, os percentuais indicativos de uso de solventes voláteis, entre usuários e experimentadores, praticamente se equivalem, relativamente às maiores frequências, não obstante a ligeira predominância dos primeiros, em termos percentuais.

TABELA XXI

INCIDÊNCIA DO USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS, POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS (Rede Oficial)

MODELO A

Grupo Incidência	Usuário		Experim- entador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez	018	34,0	016	24,2	744	50,1
De 1 a 5 vezes	022	41,5	031	47,0	589	39,7
De 6 a 10 vezes	06	11,3	04	6,1	36	2,5
Mais de 10 vezes	07	13,2	15	22,7	113	7,7
Sem resposta	—	—	—	—	02	0,0
Total	053	100,0	066	100,0	1484	100,0

MODELO B

Grupo Incidência	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Nenhuma vez	022	38,6	041	32,8	1113	59,3
De 1 a 5 vezes	023	40,3	065	52,0	624	33,3
De 6 a 10 vezes	02	3,5	07	5,6	033	1,7
Mais de 10 vezes	09	15,8	12	9,6	104	5,6
Sem resposta	01	1,8	—	—	02	0,1
Total	057	100,0	125	100,0	1876	100,0

Com relação ao questionário modelo A, nas escolas da rede oficial, aparece, entre os usuários, maior porcentagem de frequência de uma a cinco vezes, no uso de solventes voláteis, com 22 casos (41,5%) e a seguir abstenção de uso, com 18 casos (34,0%). De forma semelhante se comportam os dados para experimentadores: de uma a cinco vezes, com 31 casos (47,0%) e nenhuma vez, com 16 casos (24,2%).

Quanto aos não-usuários, a situação fica invertida. Registra-se maior porcentagem para abstenção de uso, com 744 casos (50,1%) e, em seguida, frequência de uma a cinco vezes, com 589 casos (39,7%).

Quanto ao uso mais frequente (mais de dez vezes), observa-se maior percentual entre os experimentadores, com 15 casos (22,7%). A seguir, vêm os usuários com 07 casos (13,2%), sendo que para os não-usuários registram-se 113 casos (7,7%).

Com referência ao questionário modelo B, nas escolas da rede oficial, verificou-se a abstenção de 22 usuários (38,6%), 41 experimentadores (32,8%) e 1.113 não-usuários (59,3%). Ainda, foram identificados 23 usuários (40,3%), 65 experimentadores (52,0%) e 624 não-usuários (33,3%), cuja frequência de uso de solventes voláteis é de uma a cinco vezes. Vê-se, por conseguinte, que a maior prevalência de usuários e experimentadores registra uma baixa incidência de uso destas substâncias, o mesmo sucedendo com o grupo de não-usuários, observação esta válida quer para o questionário modelo A, quer para o questionário modelo B.

Comparativamente aos não-usuários, as maiores incidências são encontradas entre usuários e experimentadores. Assim sendo, no questionário modelo B, 09 usuários (15,8%) e 12 experimentadores (9,6%) declararam haver utilizado por mais de dez vezes esse tipo de substância. Esses resultados, por sua vez, parecem confirmar as tendências observadas no caso dos dados relativos às escolas privadas.

TABELA XXII

MOTIVO PRINCIPAL INDICADO POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS PARA O USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Grupo Motivo	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Curiosidade	013	25,0	024	31,6	277	27,6
Busca de prazer	04	7,7	07	9,2	018	1,8
Enquanto tirava pintura	012	23,1	020	26,3	329	32,8
Enquanto tirava mancha	09	17,3	07	9,2	157	15,7
Enquanto fazia curativo	010	19,2	017	22,4	184	18,4
Sem resposta	04	7,7	01	1,3	37	3,7
Total	052	100,0	076	100,0	1002	100,0

MODELO B

Motivo	Grupo		Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Curiosidade	025	38,5	045	36,0	269	24,8		
Busca de prazer	010	15,4	04	3,2	010	0,9		
Enquanto tirava pintura	011	17,0	028	22,4	297	27,4		
Enquanto tirava mancha	06	9,2	017	13,6	180	16,6		
Enquanto fazia curativo	06	9,2	028	22,4	238	22,0		
Sem resposta	07	10,7	03	2,4	091	8,3		
Total	065	100,0	125	100,0	1085	100,0		

Com relação ao questionário modelo A, nas escolas que englobam as redes de ensino particular e oficial, observa-se pelos dados levantados entre os experimentadores maior porcentagem de alunos que usaram algum solvente volátil por curiosidade, com 24 casos (31,6%). Seguem-se-lhe os não-usuários, com 277 casos (27,6%) e os usuários, com 13 casos (25,0%).

O motivo de busca de prazer foi apontado por 07 experimentadores de outras drogas (9,2%), 04 usuários (7,7%) e por 18 não-usuários (1,8%).

Os demais motivos para usar este tipo de substância, a saber, "enquanto tirava pintura", "enquanto tirava mancha" ou "enquanto fazia curativo", somados aparecem com 670 casos (66,9%) entre não-usuários de outras drogas, com 31 casos (59,6%) entre usuários de outra droga e com 44 casos (57,9%) entre experimentadores. Na verdade, estes motivos descaracterizam o uso abusivo destas substâncias.

Quanto ao questionário modelo B, nas escolas privadas e públicas, o principal motivo que conduz — ou parece conduzir — à experimentação e ao uso de solventes voláteis é a curiosidade. Entre os estudantes identificados como usuários, 25 (38,5%) indicaram ser esse o motivo principal para consumo dessa substância. Quanto aos experimentadores, 45 (36,0%) indicaram a curiosidade como motivo principal para experimentação de solventes voláteis, comparativamente a 269 (24,8%) não-usuários. Ao que nos parece, a natureza dessa forma de motivação está muito mais associada ao uso esporádico, sem promover dependência.

Em contrapartida, a busca de prazer, enquanto motivo capaz de produzir formas de dependência, não acusou grandes percentuais, não obstante esse tipo de motivação estivesse sensivelmente presente no caso dos usuários. Assim sendo, tomando-se como referência os grupos estudados, 10 usuários (15,4%), 04 experimentadores (3,2%) e 10 não-usuários (0,9%) declararam ser esse o motivo principal para o consumo dessas substâncias.

Os demais motivos, denotativos todos eles de que o contato com essas substâncias deve-se a outra ordem de fatores, não diretamente associadas ao uso esporádico ou habitual, revelaram percentuais consideráveis, muito embora eles sejam menores entre os usuários, do que entre os experimentadores e os não-usuários de outras drogas. Assim, temos que 23 usuários (35,4%) enquadraram-se nessa espécie de motivações. Entre os experimentadores, foram identificados 73 (58,4%) e entre os não-usuários foram observados 715 casos (66,0%).

Esses resultados são significativos, na medida em que sugerem que, apesar da prevalência do uso de solventes voláteis, os motivos aventados não demonstraram, ao que tudo parece indicar, tratar-se de um problema de dependência. Esse problema — qual seja dependência do uso de solventes voláteis — quando identificado, foi mais pronunciado entre os usuários do que entre os demais grupos estudados.

TABELA XXIII

MOTIVO PRINCIPAL INDICADO POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS PARA O USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS

(Rede Particular)

MODELO A

Motivo	Grupo		Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Curiosidade	03	30,0	06	35,3	054	23,0		
Busca de prazer	—	—	—	—	04	1,7		
Enquanto tirava pintura	04	40,0	05	29,4	080	34,0		
Enquanto tirava mancha	—	—	02	11,7	047	20,0		
Enquanto fazia curativo	03	30,0	04	23,6	049	20,9		
Sem resposta	—	—	—	—	01	0,4		
Total	10	100,0	17	100,0	235	100,0		

MODELO B

Motivo	Grupo		Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Curiosidade	07	33,3	08	30,8	051	22,8		
Busca de prazer	04	19,1	01	3,8	05	2,2		
Enquanto tirava pintura	05	23,8	07	26,9	56	25,0		
Enquanto tirava mancha	02	9,5	02	7,8	041	18,3		
Enquanto fazia curativo	02	9,5	07	26,9	062	27,7		
Sem resposta	01	4,8	01	3,8	09	4,0		
Total	21	100,0	26	100,0	224	100,0		

Nas escolas da rede particular, com relação ao questionário modelo A, os dados revelam que a curiosidade aparece como motivo indicado para uso de solventes voláteis em maior porcentagem pelos experimentadores, com 06 casos (35,3%), seguindo-se usuários com 03 casos (30,0%) e não-usuários, com 54 casos (23,0%).

O motivo de busca de prazer é apontado unicamente por 04 não-usuários (1,7%), não constando dado algum quer para usuário, quer para experimentador.

Esses dados, quando reportados às escolas que compõem a rede privada e relativamente ao questionário modelo B, revelam que a curiosidade constitui o motivo principal para uso destas substâncias entre 07 usuários (33,3%), 08 experimentadores (30,8%) e 51 não-usuários (22,8%). A busca de prazer, motivo indicador do uso de substâncias voláteis que podem provocar formas de dependência, foi bem mais pronunciada entre os usuários e de pouca significância entre os experimentadores e não-usuários. Assim, 04 usuários (19,1%) declararam esse motivo, enquanto que apenas 01 experimentador (3,8%) e 05 não-usuários (2,2%) indicaram esse mesmo motivo.

Os demais motivos, quando agrupados, respondem, sobremaneira, em termos de maior destaque percentual, pelo uso de solventes voláteis. Entre os estudantes pesquisados, que indicaram motivos relacionados a "atividades ocupacio-

nais", temos 09 usuários (42,8%), 16 experimentadores (61,6%) e 159 não-usuários (71,0%).

Nesse sentido, a especificidade observada, no caso das escolas privadas, diz respeito à maior prevalência de usuários que utilizam solventes voláteis com finalidades abusivas. Nas demais situações, no entanto, o uso dessas substâncias não parece, também, estar correlacionado a fenômenos de dependência.

TABELA XXIV

MOTIVO PRINCIPAL INDICADO POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS PARA O USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS

(Rede Oficial)

MODELO A

Grupo \ Motivo	Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Curiosidade	010	24,4	018	30,5	222	29,2
Busca de prazer	04	9,7	07	11,9	013	1,7
Enquanto tirava pintura	07	17,1	015	25,4	247	32,5
Enquanto tirava mancha	09	22,0	05	8,5	109	14,3
Enquanto fazia curativo	07	17,1	013	22,0	133	17,5
Sem resposta	04	9,7	01	1,7	036	4,8
Total	041	100,0	059	100,0	760	100,0

MODELO B

Grupo \ Motivo	Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Curiosidade	018	40,9	037	37,4	221	25,5
Busca de prazer	06	13,7	03	3,0	05	0,5
Enquanto tirava pintura	06	13,7	021	21,2	243	28,0
Enquanto tirava mancha	04	9,0	015	15,1	139	16,1
Enquanto fazia curativo	04	9,0	021	21,2	177	20,5
Sem resposta	06	13,7	02	2,1	082	9,4
Total	044	100,0	099	100,0	867	100,0

Nas escolas da rede oficial, com relação ao questionário modelo A, o motivo de curiosidade é indicado em maior porcentagem por experimentadores, com 18 casos (30,5%), seguindo-se não-usuários, com 222 casos (29,2) e usuários com dez casos (24,4%).

Quanto ao motivo de busca de prazer, também, são os experimentadores que apresentam maior porcentagem, com 07 casos (11,9%), seguidos, porém, pelos usuários, com 04 casos (9,7%) e com maior distância por não-usuários, com 13 casos (1,7%).

No que concerne às escolas públicas, com relação ao questionário modelo B, entre os usuários de outras drogas 18 (40,9%) declararam curiosidade, 06 (13,7%) informaram

busca de prazer e 14 (31,7%) declararam outra ordem de motivações, não diretamente associadas à dependência de drogas. Entre os usuários, a curiosidade configura-se como motivo principal para uso daquelas substâncias. Há, no entanto, que considerar a importância de motivos vinculados à busca de prazer, cujos percentuais não adquirem relevância nos grupos de experimentadores e de não-usuários, como ocorrido com os estudantes das escolas da rede privada de ensino.

Assim sendo, 37 experimentadores (37,4%) e 221 não-usuários (25,5%) informaram haver utilizado aquelas substâncias por curiosidade. Motivos vinculados à procura de prazer foram declarados, tão-somente, por três experimentadores (3,0%) e 05 não-usuários (0,5%). Assim, do ponto de vista geral, o uso de solventes voláteis não parece estar vinculado a fenômenos de dependência. Do ponto de vista específico, a hipotética ou potencial dependência, quando existe, está restrita, quase sempre, ao grupo de usuários, sobretudo, entre os estudantes das escolas privadas.

TABELA XXV

SENSAÇÃO OBTIDA COM O USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS, POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Grupo \ Sensação	Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Boa	014	26,9	017	22,4	112	11,4
Ruim	020	38,5	037	48,7	507	51,3
Não tive sensação	018	34,6	019	25,0	362	36,6
Sem resposta	—	—	03	3,9	07	0,7
Total	052	100,0	076	100,0	988	100,0

MODELO B

Grupo \ Sensação	Usuário		Experi-mentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Boa	026	40,0	024	19,3	104	9,6
Ruim	023	35,4	066	53,3	577	54,2
Não tive sensação	016	24,6	034	27,4	394	36,2
Sem resposta	—	—	—	—	—	—
Total	065	100,0	124	100,0	1083	100,0

Nas escolas das redes particular e oficial, no que concerne ao questionário modelo A, os dados revelaram que, entre aqueles que responderam haver tido boa sensação, maior porcentagem aparece entre os usuários de outras drogas, com 14 casos (26,9%), seguindo-se os experimentadores, com 17 casos (22,4%) e mais distanciados os não-usuários, com 112 casos (11,4%).

Entretanto, é a sensação "ruim" com o uso de solventes voláteis que aparece em maior porcentagem. Com efeito, esta sensação é indicada por 507 não-usuários (51,3%), por 37 experimentadores (48,7%) e por 20 usuários (38,5%).

Entre aqueles que não tiveram sensação alguma com o uso de solventes voláteis estão, em primeiro lugar, os não-usuários, com 362 casos (36,6%) e logo em seguida os usuários, com 18 casos (34,6%). Os experimentadores aparecem com 19 casos (25,0%).

Em resumo, entre os usuários aqueles que tiveram sensação "boa" — 14 casos (26,9%) — aparecem com porcentagem inferior àquela dos que tiveram sensação "ruim" — 24 casos (38,5%). Esta diferença, porém, aumenta no que se refere aos experimentadores e aos não-usuários, principalmente para estes últimos.

No que se refere aos dados obtidos com a aplicação do questionário modelo B, observaram-se diferenças significativas entre usuários, por um lado, e experimentadores e não-usuários, por outro. Entre os estudantes identificados como usuários, 26 (40,0%) consideraram "boa" a experiência com o uso de solventes voláteis. Em outras palavras, tomando-se como ponto de referência a quantidade total de usuários que acusaram incidência no uso daquelas substâncias, 40 usuários entre 100 estão positivamente motivados no sentido da adoção dessa forma de comportamento. Em contrapartida, 23 usuários (35,4%) encontram-se negativamente motivados e 16 usuários (24,6%) situam-se indefinidamente frente a esta situação, pois declararam não ter tido qualquer sensação com o uso de solventes voláteis.

No que respeita aos experimentadores e não-usuários, de modo geral, a maior prevalência revela que ambos os grupos estão negativamente motivados para o uso abusivo de drogas dessa natureza. Há diferenças, entretanto, entre os dois grupos. Entre os experimentadores, 24 (19,3%) consideraram boa a experiência e 66 (53,3%) opinaram contrariamente. Isso significa que, dentro do total de experimentadores que acusaram incidência do uso de solventes voláteis, 19 entre 100 estudantes estão positivamente orientados em direção ao uso abusivo, o que, se por um lado, demonstra menor prevalência comparativamente àquela de usuários, por outro, indica ainda a existência do fenômeno também entre experimentadores, conquanto em menor proporção.

Quanto aos não-usuários que apresentaram taxas de incidência no uso daquelas substâncias, é notório que a presença de motivações negativas em direção a uma modalidade de comportamento abusiva em relação a esse tipo de drogas, quer a existência de comportamentos indefinidos. Assim, 577 não-usuários (54,2%) declararam não considerar boa a experiência com o uso de solventes voláteis. Logo a seguir, 394 (36,2%) informaram não ter tido qualquer sensação com o uso daquelas drogas.

TABELA XXVI

SENSAÇÃO OBTIDA COM O USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS

(Rede Particular)

MODELO A

Sensação \ Grupo	Usuário		Experimentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Boa	05	50,0	02	12,5	031	12,9
Ruim	03	30,0	06	37,5	110	45,8
Não tive sensação	02	20,0	08	50,0	096	40,0
Sem resposta	—	—	—	—	03	1,3
Total	10	100,0	16	100,0	240	100,0

MODELO B

Sensação \ Grupo	Usuário		Experimentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Boa	07	33,3	05	19,2	027	12,0
Ruim	09	42,9	11	42,3	114	50,4
Não tive sensação	05	23,8	10	38,5	084	37,2
Sem resposta	00	—	00	—	001	0,4
Total	21	100,0	26	100,0	226	100,0

Os dados referentes ao questionário modelo A, colhidos nas escolas da rede particular, indicam maior porcentagem de alunos que tiveram sensação "boa" com o uso de solventes voláteis entre os usuários de outras drogas, com 05 casos (50,0%) e maior porcentagem com sensação "ruim" entre os não usuários de outras drogas, com 110 casos (45,8%).

A sensação "boa", com 05 usuários (50,0%), supera a sensação "ruim" nesta categoria, com 03 casos (30,0%). Acontece, porém, o contrário no que se refere a experimentadores e a não-usuários.

Por sua vez, aqueles que indicaram não haver tido sensação alguma com o uso de solventes voláteis estão em porcentagem maior entre os experimentadores, com 08 casos (50,0%), e entre os não-usuários, com 96 casos (40,0%).

Pelos dados referentes ao questionário modelo B, coletados na rede particular de ensino, observa-se que 07 usuários (33,3%), 05 experimentadores (19,2%) e 27 não-usuários (12,0%) estão positivamente motivados no sentido do uso de solventes voláteis. Em contrapartida, 09 usuários (42,9%), 11 experimentadores (42,3%) e 114 não-usuários (50,4%) parecem estar negativamente motivados para adoção desta forma de comportamento.

Percentuais consideráveis, também, foram registrados no caso dos estudantes que declararam não haver tido qualquer sensação com o uso daquelas substâncias. Enquadram-se nesta circunstância: 05 usuários de outras drogas (23,8%), 10 experimentadores (38,5%) e 84 não-usuários (37,2%).

Com relação a ambos os questionários, nas escolas da rede particular, a porcentagem maior de motivação positiva para o uso de substâncias voláteis encontra-se entre os usuários, de outras drogas.

TABELA XXVII

SENSAÇÃO OBTIDA COM O USO DE SOLVENTES VOLÁTEIS POR USUÁRIOS, EXPERIMENTADORES E NÃO-USUÁRIOS

(Rede Oficial)

MODELO A

Sensação \ Grupo	Usuário		Experimentador		Não-Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Boa	09	21,9	015	25,0	079	10,7
Ruim	017	41,5	031	51,7	393	53,1
Não tive sensação	015	36,6	011	18,3	264	35,7
Sem resposta	000	—	003	5,0	004	0,5
Total	041	100,0	060	100,0	740	100,0

MODELO B

Sensação \ Grupo	Usuário		Experi- mentador		Não- Usuário	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
Boa	019	43,2	019	19,4	078	9,0
Ruim	014	31,8	055	56,1	466	54,0
Não teve sensação	011	25,0	024	24,5	312	36,1
Sem resposta	—	—	—	—	07	0,9
Total	044	100,0	098	100,0	863	100,0

Os dados referentes aos questionários modelo A, coletados nas escolas públicas, indicam que entre os usuários aparece maior porcentagem de pessoas, 17 alunos (41,5%) que revelaram sensação "ruim" com o uso de solventes voláteis, seguindo-se "nenhuma sensação" manifestada por 15 usuários de outras drogas (36,6%) e porcentagem menor para sensação "boa" com nove casos (21,9%).

Para os experimentadores de outras drogas, observa-se também que a maioria revela sensação "ruim", 31 alunos (51,7%), seguindo-se sensação "boa", para 15 alunos (25,0%) e "nenhuma sensação" para 11 alunos (18,3%).

No que se refere aos não-usuários de outras drogas, coube maior porcentagem para sensação "ruim", com o uso de solventes voláteis, por parte de 393 alunos (53,1%), seguindo-se "nenhuma sensação", com 264 casos (35,7%) e a menor porcentagem para sensação "boa", no que se refere a 79 alunos (10,7%).

Quanto aos dados relativos às escolas que compõem a rede oficial de ensino — questionário modelo B —, verificou-se que a maior prevalência de casos denotativos de eventual uso de solventes voláteis encontra-se entre os usuários. Desta categoria, 43 entre 100 consideraram "boa" a experiência com o uso destas substâncias.

Quanto aos experimentadores e não-usuários de outras drogas, os maiores percentuais indicam que a sensação obtida com o uso de solventes voláteis não foi considerada uma "boa" experiência. Assim sendo, 55 experimentadores (56,1%) e 466 não-usuários (54,0%) parecem estar negativamente motivados no sentido do uso de solventes voláteis.

Esse fato contrasta nitidamente com os resultados obtidos com os dados atinentes a usuários.

Por outro lado, salienta-se, também, nas escolas públicas, no questionário modelo B, percentuais consideráveis, indicativos de indefinição quanto ao valor da experiência alcançada com o uso de solventes voláteis. Embora essa indefinição seja levemente mais acentuada entre os não-usuários, pode-se dizer que há uma espécie de uniformidade entre os três grupos, fato este também observado relativamente aos resultados obtidos com a aplicação do questionário modelo A. Seguindo-se esse raciocínio, no questionário modelo B, temos 11 usuários (25,0%), 24 experimentadores (24,5%) e 312 não-usuários (36,1%) que se enquadram nessa situação.

Nestes termos, tanto para o questionário modelo A quanto para o questionário modelo B, há tendências gerais, quer nas escolas públicas, quer nas escolas privadas, que localizam um certo perfil de dependência do uso de solventes voláteis entre os usuários de outras drogas, enquanto que o fenômeno é menos pronunciado entre os demais grupos estudados.

TABELA XXVIII

PREVALÊNCIA DE EXPERIMENTADORES, SEGUNDO IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Classes de idade	Prevalência	
	FA	FR
8 anos completos	—	—
9 anos completos	—	—
10 anos completos	03	2,2
11 anos completos	—	—
12 anos completos	—	—
13 anos completos	—	—
14 anos completos	03	2,2
15 anos completos	17	12,4
16 anos completos	09	6,5
17 anos completos	07	5,0
18 anos completos	01	0,7
19 anos completos	01	0,7
20 anos completos	01	0,7
Mais de 21 anos completos	01	0,7
Sem resposta	95	68,9
Total	138	100,0

MODELO B

Classes de idade	Prevalência	
	FA	FR
8 anos completos	—	—
9 anos completos	—	—
10 anos completos	04	2,5
11 anos completos	01	0,6
12 anos completos	06	3,7
13 anos completos	04	2,5
14 anos completos	06	3,7
15 anos completos	19	11,9
16 anos completos	15	9,4
17 anos completos	08	5,0
18 anos completos	11	6,9
19 anos completos	04	2,5
20 anos completos	01	0,6
Mais de 21 anos completos	06	3,8
Sem resposta	75	46,9
Total	160	100,0

Com relação aos dados contidos no questionário modelo A, no que concerne às escolas das redes particular e oficial, pode-se observar que, entre os experimentadores, maior prevalência é a dos alunos com 15 anos, 17 casos (12,4%), seguindo-se a idade de 16 anos, com 9 casos (6,5%), e a idade de 17 anos, com 7 casos (5,0%). As porcentagens destas três idades associadas somam 23,9%, para 33 casos registrados, constituindo, pois, aqui a faixa etária de maior prevalência entre os experimentadores. As demais idades, somadas, não ultrapassam dez casos (5,0%).

Importa notar que 95 experimentadores (68,9%) não responderam esta questão, referente à idade de início da experiência.

Com relação aos dados contidos no questionário modelo B, verifica-se que, entre os estudantes identificados como experimentadores, 95 (46,9%) não informaram a idade do

início da experiência. Vários fatores — cujo conhecimento não nos é possível esclarecer — podem ter contribuído para essa omissão. Temores de que essa informação pudesse, eventualmente, vir a comprometer o anonimato do estudante pesquisado, além da circunstância de que a experiência é revestida de caráter esporádico podem — hipoteticamente — explicitar a origem desse fato. Isto posto, os dados contidos na referida tabela não nos afiguram representativos do universo investigado. Não obstante, excluindo-se os dados omitidos, pode-se traçar um certo perfil a respeito do assunto objeto deste quadro, também, com relação ao questionário modelo B.

A faixa etária onde se concentra maior número de experimentadores é aquela relativa aos alunos cujo início da experiência com droga ocorreu aos 15 anos, com 19 casos (11,9%), seguindo-se a idade de 16 anos, com 15 casos (9,4%).

Se examinados esses mesmos dados, em termos globais, verifica-se que 21 experimentadores (13,0%) iniciaram sua experiência entre 10 e 14 anos. Em contrapartida, 53 experimentadores estão situados na faixa etária entre 15 a 18 anos (33,2%). Isto significa que, entre 100 estudantes identificados como experimentadores, 33 iniciaram essa experiência entre 15 e 18 anos, dado este que se aproxima bastante daquele referente ao questionário modelo A.

TABELA XXIX

PREVALÊNCIA DE EXPERIMENTADORES, SEGUNDO TIPO DE DROGA UTILIZADO INICIALMENTE

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Tipo de droga	Prevalência	
	FA	FR
Morfina	—	—
Maconha	017	12,3
Calmante	052	37,7
LSD	—	—
Bolinha	08	5,8
Heroína	01	0,7
Cocaína	09	6,5
Comprimido para dormir	023	16,7
Sem resposta	028	20,3
Total	138	100,0

MODELO B

Tipo de droga	Prevalência	
	FA	FR
Morfina	02	1,3
Maconha	20	12,5
Calmante	61	38,1
LSD	02	1,3
Bolinha	09	5,6
Heroína	01	0,6
Cocaína	06	3,7
Comprimido para dormir	39	24,4
Sem resposta	20	12,5
Total	160	100,0

Com relação aos dados do questionário modelo A, referentes às redes particular e oficial, verificamos que aparece maior porcentagem de experimentadores de calmante, com 52 casos (37,7%). Seguem-se experimentadores que se iniciaram com comprimidos para dormir, droga esta indicada por 23 alunos (16,7%) e, em terceiro lugar, maconha, com 17 casos (12,3%). Vale notar que a falta de resposta para esta questão revelou número considerável, 28 casos (20,3%).

As demais drogas indicadas como de uso inicial aparecem com número bem menor de casos, a saber, nesta ordem: cocaína, 09 alunos (6,5%); bolinha, 08 alunos (5,8%) e heroína, 01 aluno (0,7%).

Quanto ao questionário modelo B, os dados coletados tanto nas escolas privadas, quanto nas públicas, revelaram que a maior prevalência de experimentadores, segundo o tipo de droga inicialmente experimentado, está concentrada em torno do uso de calmante e de comprimidos para dormir. Assim sendo, 61 experimentadores informaram haver iniciado a experiência com o uso de calmantes (38,1%) e 39 experimentadores (24,4%) com o uso de comprimidos para dormir. Se associadas estas informações, concluímos que entre 100 experimentadores, 62 iniciaram sua experiência com o uso de tranqüilizantes e barbitúricos.

Outras drogas, embora tivessem apresentado porcentagens menores, indicam relevância no plano da iniciação ao uso de substâncias causadoras de dependência física ou psíquica. Nestes termos, foram observados 20 experimentadores (12,5%) que utilizaram inicialmente maconha, 09 experimentadores (5,6%) de anfetaminas, 06 experimentadores (3,7%) de cocaína e 01 experimentador (0,6%) de heroína. É importante registrar que 20 experimentadores (12,5%) omitiram informação a respeito da droga inicialmente experimentada significando que os dados acima poderiam sofrer alterações, caso o índice de omissão fosse menor.

TABELA XXX

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS, SEGUNDO IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Classes de idade	Prevalência	
	FA	FR
8 anos completos	—	—
9 anos completos	—	—
10 anos completos	—	—
11 anos completos	—	—
12 anos completos	—	—
13 anos completos	—	—
14 anos completos	3	3,6
15 anos completos	6	7,2
16 anos completos	6	7,2
17 anos completos	7	8,3
18 anos completos	2	2,3
19 anos completos	3	3,6
20 anos completos	—	—
Mais de 21 anos completos	1	1,2
Sem resposta	56	66,6
Total	84	100,0

MODELO B

Classes de idade	Prevalência	
	FA	FR
8 anos completos	—	—
9 anos completos	1	1,2
10 anos completos	—	—
11 anos completos	—	—
12 anos completos	7	8,2
13 anos completos	5	5,9
14 anos completos	7	8,2
15 anos completos	10	11,8
16 anos completos	7	8,2
17 anos completos	6	7,1
18 anos completos	4	4,7
19 anos completos	3	3,5
20 anos completos	1	1,2
Mais de 21 anos completos	1	1,2
Sem resposta	33	38,8
Total	85	100,0

Com referência ao questionário modelo A, os dados coletados nas redes particular e oficial indicam maior prevalência de usuários, cuja idade de início da experiência encontra-se na faixa etária de 15 a 17 anos, com o total de 19 casos (22,7%). A porcentagem mais elevada está na idade de 17 anos, com 07 casos (8,3%), vindo a seguir 06 casos com 15 anos (7,2%) e também 06 com a idade de início aos 16 anos (7,2%).

A soma das porcentagens referentes às demais idades de início da experiência indicadas, a saber, 14 anos (3,6%), 18 anos (2,3%), 19 anos (3,6%) e mais de 21 anos (1,2%) — não ultrapassa 10,7%, com 09 casos.

É digna de observação a existência de elevada ausência de respostas a esta questão, verificada no caso de 56 alunos (66,6%).

No que concerne ao questionário modelo B — escolas privadas e públicas —, foi também elevado o percentual denotativo da omissão de dados a respeito da idade de início da experiência por parte dos usuários. Assim sendo, 33 usuários (38,8%) não responderam a este quesito. Como já se disse anteriormente, um índice elevado de omissão impede que se chegue a conclusões válidas para o universo pesquisado. Isto posto, entendemos que os demais dados contidos nesta tabela devam se referir aos usuários que informaram a idade de início de experiência, o que significa que os resultados alcançados não representam, necessariamente, o comportamento do universo de usuários pesquisados. Trata-se, aqui, da identificação de um perfil, que sugere hipóteses e tendências.

Raciocinando-se, em termos globais, observamos que 20 usuários (23,5%) declararam haver iniciado sua experiência entre 10 e 14 anos. Por outro lado, entre os usuários pesquisados, 40 estudantes (35,3%) informaram haver iniciado a experiência entre 15 e 19 anos. No interior desta faixa, os maiores percentuais referem-se aos estudantes com idade de início aos 15 anos (11,8%), seguindo-se os estudantes com idade de início aos 16 anos (8,2%). Aliás, esse último percentual foi também registrado entre os estudantes que iniciaram a experiência aos 14 anos (8,2%).

Comparativamente aos experimentadores, verificam-se coincidências e divergências. Quanto às semelhanças, con-

vém salientar maior prevalência entre usuários e experimentadores com idade de início aos 15 anos. No que concerne às diferenças, temos uma distância percentual menor entre as duas grandes faixas etárias — de um lado, 10-14 anos e, de outro lado, 15-18 anos ou 19 anos — comparando-se usuários e experimentadores. Enquanto que entre os experimentadores a idade de início da experiência é marcadamente concentrada na faixa etária que engloba estudantes entre 15 e 18 anos, entre os usuários — conquanto essa tendência também se delinheie — não se pode apontá-la em igual medida, ocorrendo uma relevância acentuada do problema entre estudantes cuja idade de início da experiência situou-se entre 10 e 14 anos.

Vale acrescentar a observação seguinte no que se refere aos usuários — englobando os questionários modelos A e B —, a idade de início da experiência concentra-se entre 14 e 17 anos.

TABELA XXXI

PREVALÊNCIA DE USUÁRIOS, SEGUNDO TIPO INICIAL DE DROGA UTILIZADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

Tipo de droga	Prevalência	
	FA	FR
Morfina	—	—
Maconha	15	17,9
Calmanete	25	29,7
LSD	—	—
Anfetamina	2	2,3
Heroína	—	—
Cocaína	2	2,3
Comprimido para dormir	13	15,7
Sem resposta	27	32,1
Total	84	100,0

MODELO B

Tipo de droga	Prevalência	
	FA	FR
Morfina	1	1,2
Maconha	20	23,5
Calmanete	32	37,6
LSD	2	2,4
Anfetamina	10	11,8
Heroína	2	2,4
Cocaína	3	3,5
Comprimido para dormir	14	16,4
Sem resposta	1	1,2
Total	85	100,0

Com referência ao questionário modelo A, os dados coletados nas redes particular e oficial indicam maior prevalência, entre os usuários, do uso inicial de calmantes, com 25 casos (29,7%), seguindo-se o uso inicial de maconha, com 15 casos (17,9%) e, em terceiro lugar, de comprimidos para dormir, com 13 casos (15,7%).

É bastante considerável o número de falta de resposta a esta questão, no total de 27 alunos (32,1%). Com prevalência bem menor aparecem, como drogas de uso inicial, a anfetamina, indicada por 02 alunos (3,5%) e a cocaína, também por 02 alunos (3,5%).

Pelos dados relativos ao questionário modelo B, concernentes quer às escolas públicas quer às escolas privadas, observaram-se diferenças e semelhanças na comparação entre experimentadores e usuários, relativamente aos tipos de drogas inicialmente experimentados. Os dados obtidos, para

usuários, demonstram que 32 alunos (37,6%) utilizaram inicialmente calmante e 14 alunos (16,4%), comprimidos para dormir. Se associarmos estas informações, teremos que 54 usuários, entre 100, iniciaram sua experiência com o uso de tranqüilizantes e barbitúricos.

Quanto às demais drogas, obtivemos os seguintes resultados: 20 usuários (23,5%) com o uso inicial de maconha; 10 usuários (11,8%) de anfetaminas; 02 usuários (2,4%) de LSD; 02 usuários (2,4%) de heroína e 03 usuários (3,5%) de cocaína.

Em termos comparativos, ainda, tanto no que se refere ao questionário modelo A quanto ao questionário modelo B, verificaram-se, relativamente aos usuários, taxas menores de uso inicial de tranqüilizantes e de barbitúricos e taxas maiores de uso inicial de maconha.

TABELA XXXII

LISTAGEM DO TIPO DE DROGAS UTILIZADAS POR USUARIOS E EXPERIMENTADORES, SEGUNDO FAIXA ETARIA, ABRANGENDO REDES PARTICULAR E OFICIAL

(Frequência Absoluta)

MODELO A

Drogas Faixa Etária (anos completos)	EXPERIMENTADOR									USUARIO										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos							1	1		2										
13 anos							1	3		4	1	1				2				4
14 anos	1		1	1		1	2	3		9	1	1				4	4	1		11
15 anos			3				1	6		10			1			1	2			4
16 anos	1		6	5			5	9		26	1	1	2	1		1	2	5	4	17
17 anos	4		1	1			2	13		21	5		7	1		4	7	4		28
18 anos			6				5	12		23	1	2	4	1						8
Entre 19 e 25 anos	1		3	1			7	6		18										
Entre 26 e 35 anos								1		1										
Mais que 35 anos																				
TOTAIS	7		20	8		1	24	54		114	9	4	14	4		1	13	18	9	72

TABELA XXXII

LISTAGEM DO TIPO DE DROGAS UTILIZADAS POR USUARIOS E EXPERIMENTADORES,
SEGUNDO FAIXA ETARIA, ABRANGENDO REDES PARTICULAR E OFICIAL

(Frequência Relativa)

MODELO A

DROGAS IDADE ATUAL (anos completos)	EXPERIMENTADOR									USUARIO										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos							0,8	0,8		1,6										
13 anos							0,8	2,6		3,4	1,4		1,4				2,8			5,6
14 anos	0,8		0,8	0,8		0,8	1,7	2,6		7,5	1,4	1,4					5,6	5,5	1,4	15,3
15 anos			2,6				0,8	5,2		8,6				1,4			1,4	2,7		5,5
16 anos	0,8		5,1	4,4			4,4	7,9		22,6	1,4	1,4	2,8	1,4		1,4	2,8	6,9	5,5	23,6
17 anos	3,5		0,8	0,8			1,8	11,4		18,3	6,9		9,7	1,4			5,6	9,7	5,6	38,9
18 anos			5,1	1,7			4,4	10,5		21,7	1,4	2,8	5,5	1,4						11,1
Entre 19 e 25 anos	0,8		2,6	0,8			6,1	5,2		15,5										
Entre 26 e 35 anos								0,8		0,8										
Mais que 35 anos																				
TOTAIS	5,9		17,0	8,5		0,8	20,8	47,0		100,0	12,5	5,6	19,4	5,6		1,4	18,2	24,8	12,5	100,0

TABELA XXXII

LISTAGEM DO TIPO DE DROGAS UTILIZADAS POR USUARIOS E EXPERIMENTADORES,
SEGUNDO FAIXA ETARIA, ABRANGENDO REDES PARTICULAR E OFICIAL

(Frequência Absoluta)

MODELO B

DROGAS IDADE ATUAL (anos completos)	EXPERIMENTADOR									USUARIO										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos																				
13 anos																	1	1	.1	3
14 anos			1	1		1	2	2		7	2		1				3	5	2	13
15 anos	2	1	2	1			1	7		14	3		5					7	6	21
16 anos	2			1			12	14		29	4		3	1		1	5	8	2	23
17 anos	2	1	1	1	1		1	13		20	1		5			1	5	8	3	23
18 anos		1	4	1	1		6	12		25	2	1	2				3	10	3	21
Entre 19 e 25 anos	2		9	1			12	12		36	4	2	11		1		8	12	2	40
Entre 26 e 35 anos			1				1			2										
Mais que 35 anos																				
TOTAIS	8	3	18	6	2	1	35	60		133	15	3	27	1	1	2	25	51	19	144

TABELA XXXII

LISTAGEM DO TIPO DE DROGAS UTILIZADAS POR USUÁRIOS E EXPERIMENTADORES,
SEGUNDO FAIXA ETÁRIA, ABRANGENDO REDES PARTICULAR E OFICIAL

(Frequência Relativa)

MODELO B

DROGAS FAIXA ETÁRIA (anos completos)	EXPERIMENTADOR									USUÁRIO										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos																				
13 anos																	0,7	0,7	0,7	2,1
14 anos			0,8	0,7		0,8	1,5	1,5		5,3	1,4	0,7					2,1	3,4	1,4	9,0
15 anos	1,5	0,7	1,5	0,8			0,8	5,3		10,6	2,0	3,4						4,9	4,2	14,5
16 anos	1,5			0,7			9,0	10,5		21,7	2,7	2,0	0,7		0,7	3,4	5,6	1,4	16,5	
17 anos	1,5	0,8	0,7	0,8	0,7		0,7	9,8		15,0	0,7	3,4			0,7	3,4	5,6	2,0	15,8	
18 anos		0,7	3,0	0,7	0,8		4,5	9,0		18,7	1,4	0,7	1,4			2,0	6,9	2,0	14,4	
Entre 19 e 25 anos	1,5		6,8	0,8			9,0	9,0		27,1	2,7	1,4	7,6		0,7	5,6	8,3	1,4	27,7	
Entre 26 e 35 anos			0,8				0,8			1,6										
Mais que 35 anos																				
TOTAIS	6,0	2,2	13,6	4,5	1,5	0,8	26,3	45,1		100,0	10,9	2,1	18,5	0,7	0,7	1,4	17,2	35,4	13,1	100,0

Esta tabela contém dados indicativos da quantidade de casos de uso de diversos tipos de drogas, conforme faixa etária, englobando as escolas das redes oficial e particular.

Com referência ao questionário modelo A, a droga utilizada por maior porcentagem de usuários, 18 alunos (24,8%) e de experimentadores, 54 alunos (47,0%) foi calmante. Entre os usuários destaca-se a idade de 17 anos, com 07 casos (9,7%), seguindo-se 16 anos, com 05 casos (6,9%) e 14 anos, com 04 casos (5,5%). Entre os experimentadores a utilização de calmante está dividida entre as idades de 12 anos até 35 anos. Encontra-se o pico da idade de 17 anos, com 13 casos (11,4%), seguindo-se 18 anos, com 12 casos (10,5%), 16 anos, com 09 casos (7,9%) e, depois, de igual modo, 15 anos, com 06 casos (5,2%) e as idades entre 19 e 25 anos, com 06 casos (5,2%).

A segunda droga mais utilizada entre os usuários é a maconha, com 14 casos (19,4%), enquanto aparece como terceira indicada pelos experimentadores, com 20 casos (17,0%). A idade de maior prevalência do uso de maconha pelos usuários é de 17 anos, com 07 casos (9,7%), seguindo-se 18 anos, com 07 casos (5,5%). Entre os experimentadores, o uso da maconha é registrado mais para a idade de 16 anos, 06 casos (5,1%) e 18 anos, 06 casos (5,1%).

A terceira droga mais utilizada entre os usuários, registrada por 13 alunos (18,2%) é comprimido para dormir, enquanto aparece como a segunda droga entre os experimentadores, apontada por 24 estudantes (20,8%). Entre os usuários de drogas, seu uso aparece mais nas idades de 14 anos, 04 alunos (5,6%) e, de igual modo, 17 anos, 04 alunos (5,6%), seguindo-se 13 anos, com 02 casos (2,8%) e também 16 anos, com 02 casos (2,8%). Entre os experimentadores, nota-se mais nas idades entre 19 e 25 anos, 07 casos (6,1%), seguindo-se as idades de 16 anos, com 05 casos (4,4%) e, da mesma forma, 18 anos, com 05 casos (4,4%).

A quarta droga indicada pelos usuários é anfetamina, com 09 casos (12,5%) e também "outra droga", com 09 casos (12,5%). Entre os experimentadores a anfetamina aparece em quinto lugar, apontada por 07 estudantes (5,9%). Quanto aos usuários, anfetamina tem sua utilização mais destacada, com 05 casos (6,9%), na idade de 17 anos, ocorrendo de forma semelhante entre os experimentadores, com 04 casos (3,5%).

No que se refere aos experimentadores, a quarta droga registrada, com 08 casos (8,5%) é a cocaína, encontrando-se mais entre os alunos com idade de 16 anos, 05 casos (4,4%).

Por sua vez, entre os usuários a cocaína aparece como quinta droga, registrada por 04 alunos (5,6%), ao lado do LSD, que é também registrado por 04 alunos (5,6%). A cocaína encontra-se igualmente distribuída nas idades de 15, 16, 17 e 18 anos, aparecendo 01 caso (1,4%) para cada uma destas idades referidas. O LSD, porém, aparece mais aos 18 anos, com 02 casos (2,8%), em comparação a 01 caso (1,4%) de aluno com 14 anos e também outro caso (1,4%) de aluno com 16 anos.

No que concerne ao questionário modelo B, foram identificados 60 casos (45,1%) de experimentação de calmantes e 35 casos (26,3%) de experimentação de comprimidos para dormir. Conforme se pode verificar, 71 casos entre 100 de experimentação de drogas referem-se a tranqüilizantes e a barbitúricos.

Quanto aos tranqüilizantes, há uma frequência relativamente equitativa entre as faixas etárias que compreendem estudantes entre 16 e 25 anos, razão pela qual se pode pensar que este tipo de experiência é disseminado entre as diversas faixas etárias, não ocorrendo concentração de frequência em algum estrato específico. No que concerne ao caso dos barbitúricos, duas faixas etárias se destacam: de um lado, os experimentadores com 16 anos (9,0%) e, de outro lado, os experimentadores com a idade entre 19 e 25 anos (9,0%).

Quanto às demais drogas, foram observados 18 casos (13,6%) de experimentação de maconha, 08 casos (6,0%) de bolinha, 06 casos (4,5%) de cocaína. Confirmando os resultados anteriormente alcançados, a maior prevalência de experimentação de outras drogas, excetuando-se tranqüilizantes e barbitúricos, diz respeito à maconha e à anfetamina. No que se refere à maconha, verifica-se que a maior prevalência situa-se entre os experimentadores cuja idade oscila de 18 a 25 anos. Tratam-se de 13 casos (9,8%). Isto significa que, a cada 100 experimentadores, 9 ou 10 utilizam maconha. Quanto às anfetaminas, no conjunto, a maior prevalência está situada entre os experimentadores com idade entre 15 e 17 anos. Nessa circunstância, situam-se 6 casos (4,5%).

Quanto aos usuários, identificaram-se 51 casos (35,4%) de calmantes e 25 casos (17,2%) de uso de comprimidos para dormir. Em termos globais, 52 usuários, entre 100 pesquisados, utilizam tranqüilizantes e barbitúricos.

Relativamente aos tranqüilizantes, observou-se que, à medida em que se atinge os estratos etários mais elevados, aumenta a prevalência desta substância. Assim, verificamos que o menor número de casos diz respeito aos usuários com 13 anos (0,7%) e o maior número de casos, aos usuários com idade entre 19 e 25 anos (8,3%).

Com relação aos barbitúricos, embora a menor prevalência esteja associada aos usuários com 13 anos (0,7%) e a maior prevalência entre os usuários com a idade entre 19 e 25 anos (5,6%), é necessário não negligenciar os per-

centuais registrados pelos usuários situados na faixa etária entre 16 e 25 anos (6,8%).

Quanto às demais drogas, o maior número de casos refere-se ao uso de maconha, seguido do uso de "outra droga" — não identificada — e de anfetamina. Nesse sentido, foram identificados 27 casos (18,5%) de uso de maconha, 19 casos (13,1%) de uso de "outras drogas" e 15 casos (10,9%) de uso de anfetaminas. Verifica-se, comparativamente aos experimentadores, que o percentual indicativo do uso de tranqüilizantes e de barbitúricos é menor, enquanto que aumenta a prevalência de maconha e de anfetamina, além de "outras drogas" não identificadas.

Entre os usuários de maconha, a maior prevalência está concentrada em torno da faixa etária entre 19 e 25 anos (7,6%). No entanto, há que se considerar, no conjunto, a existência de 13 casos (8,8%) de maconha entre os usuários situados na faixa etária compreendida entre 15 e 17 anos.

Verifica-se, portanto, que a distribuição de frequência do uso de drogas entre as faixas etárias é bastante diversificada, conforme o tipo de substância utilizado. No entanto, grosso modo, tudo parece indicar que o uso de tranqüilizantes e de barbitúricos se reveste de maior uniformidade — comparando-se os estratos etários inferiores e superiores —, ao passo que as demais drogas apresentam uma descontinuidade considerável.

Quanto à heroína, cocaína e LSD, não foram identificados percentuais significativos.

TABELA XXXIII
COMPARAÇÃO ENTRE A IDADE ATUAL DO EXPERIMENTADOR
E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE EXPERIMENTADO
(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

DROGAS IDADE ATUAL (anos completos)	FREQUENCIA ABSOLUTA									FREQUENCIA RELATIVA										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos							1	1		2							0,9	0,9		1,8
13 anos							1	3		4							0,9	2,8		3,7
14 anos	1		1	1		1	2	2		8	0,9	0,9	0,9		0,9		1,9	1,9		7,4
15 anos			4				1	7		12			3,7				0,9	6,5		11,1
16 anos	1		4	5			4	8		22	0,9	3,7	4,7				3,7	7,4		20,4
17 anos	4		1	1			3	12		21	3,8	0,9	0,9				2,8	11,1		19,5
18 anos	1		4				4	11		20	0,9	3,7					3,7	10,1		18,4
Entre 19 e 25	1		2	2			7	6		18	0,9	1,9	1,9				6,5	5,6		16,8
Entre 26 e 35								1		1								0,9		0,9
Mais que 35																				
TOTAIS	8		16	9		1	23	51		108	7,4	14,8	8,4		0,9	21,3	47,2			100,0

TABELA XXXIII

COMPARAÇÃO ENTRE A IDADE ATUAL DO EXPERIMENTADOR E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE EXPERIMENTADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

DROGA IDADE ATUAL (anos completos)	FREQUENCIA ABSOLUTA									FREQUENCIA RELATIVA										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos																				
13 anos																				
14 anos			1	1		1	2	2	7			0,7	0,7		0,7	1,5	1,5		5,1	
15 anos	2	1	3	2			1	8	18	1,5	0,7	2,2	1,5			0,7	5,9		12,5	
16 anos	2			1			11	15	29	1,5		0,8				8,0	11,0		21,3	
17 anos	2	1	1	1	1		2	11	19	1,4	0,7	0,7	0,7	0,7		1,5	8,0		13,7	
18 anos		1	5	1	1		6	14	28		0,7	3,7	0,7	0,8		4,4	10,2		20,5	
Entre 19 e 25 anos	2		9	1			12	11	35	1,4		6,6	0,7			8,8	8,0		25,5	
Entre 26 e 35 anos			1				1		2			0,7				0,7			1,4	
Mais que 35 anos																				
TOTAIS	8	3	20	7	2	1	35	61	137	5,8	2,1	14,6	5,1	1,5	0,7	25,6	44,6		100,0	

Com relação ao questionário modelo A, a comparação entre a idade atual do experimentador e o tipo de droga inicialmente experimentado, nas escolas das redes particular e oficial, permite verificar maior prevalência de uso inicial de calmantes, com 51 casos (47,2%), a seguir, comprimidos para dormir, no total de 23 casos (21,3%), maconha, com 16 casos (14,8%), cocaína, com 09 casos (8,4%), anfetaminas, com 08 casos (7,4%) e, por fim, heroína, com um único caso (0,9%).

Entre os experimentadores que iniciaram sua experiência com calmantes, a idade atual indicada com maior prevalência é de 17 anos, com 12 casos (11,1%), seguindo-se 18 anos, com 11 casos (10,1%) e, depois, 16 anos, com 08 casos (7,4%) e 15 anos, com 07 casos (6,5%).

Entre os experimentadores cuja droga inicial foram comprimidos para dormir, a faixa etária atual mais indicada foi de 19 a 25 anos, com 07 casos (6,5%), vindo, a seguir, 16 e 18 anos, cada um com 04 casos (3,7%) e, depois, 17 anos, com 03 casos (2,8%).

Quanto aos experimentadores que se iniciaram com maconha, as idades atuais em que foram indicadas são, de modo igual, 15, 16 e 18 anos, cada um com 04 casos (3,7%) e, pois, somando 12 casos (11,1%) e seguindo-se as idades entre 19 e 25 anos, com 02 casos (1,9%).

A cocaína é indicada, com maior destaque, pelos alunos com idade atual de 16 anos, com 05 casos (4,7%) e, depois, com as idades atuais entre 19 e 25 anos, com 02 casos (1,9%).

Por sua vez, as anfetaminas são registradas com número mais elevado por aqueles com idade atual de 17 anos, com 04 casos (3,8%), sendo que o restante dos casos está

distribuído, de forma igual, pelas idades de 14, 16, 18, e entre 19 e 25 anos, com um único caso cada (0,9%).

O único caso de uso inicial de heroína (0,9%), entre os experimentadores, verificou-se por parte de aluno com idade atual de 14 anos.

Com referência ao questionário modelo B, nas escolas das redes privada e oficial, observou-se que, entre os experimentadores, cuja faixa etária é de 14 anos, foram identificados apenas 07 casos (5,1%), distribuídos entre uso de maconha, cocaína, heroína, comprimidos para dormir e calmantes. Embora estes dois últimos tipos de droga predominem — 3% dos casos verificados —, é relevante observar a ocorrência de caso de drogas, como cocaína e heroína, entre experimentadores nesta faixa etária, além da experimentação de maconha.

A medida em que se passa dos estratos etários menos elevados aos mais elevados, aumenta a prevalência da experimentação de drogas. Assim sendo, na faixa denotativa de experimentadores com idade atual de 15 anos (12,5%), há 08 casos de calmantes (5,9%) em um único caso (0,7%) de comprimido para dormir. As demais drogas, no conjunto, acusaram a existência de 08 casos (5,9%), comparáveis, tão-somente, aos casos registrados de experimentação de tranqüilizantes. Entre as demais drogas, a maconha se destaca com a existência de 03 casos (2,2%).

No que concerne à faixa de 16 anos, há 29 casos (21,3%) de experimentação de drogas. É curioso observar a concentração de frequência na experimentação de tranqüilizantes e de barbitúricos, que, nessa faixa etária, comparativamente às demais drogas, se destacam. Assim sendo, 26 casos (19,0%) de experimentação referem-se a estes tipos de droga.

Já, entre os experimentadores que informaram ter 17 anos houve uma redução na quantidade de casos — 19 (13,7%). Contudo, observou-se uma maior diversificação na experimentação de drogas. Embora prevaleça, com significância percentual, a experimentação de tranqüilizantes, com 11 casos (8,0%), as demais drogas, quais sejam, anfetamina, LSD, maconha, cocaína, morfina e comprimido para dormir, registraram, individualmente, percentuais equiparáveis.

Quanto aos experimentadores com idade declarada de 18 anos, foram identificados 18 casos (20,5%), cuja frequência de experimentação de drogas revelou maior prevalência de tranqüilizantes, com 14 casos (10,2%), muito embora outras drogas, como comprimido para dormir e maconha, registrassem percentuais consideráveis.

Contudo, a maior prevalência de experimentação de drogas concentra-se em torno de estudantes na faixa etária entre 19 e 25 anos, equivalendo ao total de 35 casos (25,5%). As maiores prevalências dizem respeito aos barbitúricos (8,8%), aos tranqüilizantes (8,0%) e à maconha (6,6%).

Assim, de modo geral, com relação aos questionários modelos A e B, entre os estratos etários, a maior prevalência refere-se, quase sempre, à experimentação de tranqüilizantes e de barbitúricos, seguida de percentuais indicativos da experimentação de maconha. Diferentes estratos etários parecem revelar comportamentos diversificados, no tocante à experimentação de drogas, não sendo possível estabelecer, entre estes estratos, comportamentos uniformes, embora se registrem tendências dominantes.

TABELA XXXIV

COMPARAÇÃO, SEGUNDO EXPERIMENTADORES, ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE UTILIZADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Absoluta)

DROGA IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	DROGA									TOTAL
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	
8 anos										
9 anos										
10 anos								3		3
11 anos										
12 anos										
13 anos										
14 anos				1		1	1	3		6
15 anos	1		2	4			4	4		15
16 anos	2		1				1	3		7
17 anos	1						1	6		8
18 anos								1		1
19 anos								1		1
20 anos							1			1
Mais de 21 anos			1							1
TOTAIS	4		4	5		1	8	21		43

TABELA XXXIV

COMPARAÇÃO, SEGUNDO EXPERIMENTADORES, ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE UTILIZADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Relativa)

DROGA IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)										TOTAL
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	
8 anos										
9 anos										
10 anos								7,0		7,0
11 anos										
12 anos										
13 anos										
14 anos				2,3		2,3	2,3	7,0		13,9
15 anos	2,3		4,7	9,3			9,4	9,3		35,0
16 anos	4,7		2,3				2,3	7,0		16,3
17 anos	2,3						2,3	14,0		18,6
18 anos								2,3		2,3
19 anos								2,3		2,3
20 anos							2,3			2,3
Mais de 21 anos			2,3							2,3
TOTAIS	9,3		9,3	11,6		2,3	18,6	48,9		100,0

TABELA XXXIV

COMPARAÇÃO, SEGUNDO EXPERIMENTADORES, ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE UTILIZADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Absoluta)

DROGA IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	DROGA									TOTAL
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	
8 anos										
9 anos										
10 anos			1		1			2		4
11 anos								1		1
12 anos			2					3		5
13 anos			1					2		3
14 anos			2					4		6
15 anos	1	2		2	1	1	6	5		18
16 anos	3		2	1			5	5		16
17 anos			2				1	6		9
18 anos	1		2				2	6		11
19 anos							1	2		3
20 anos							1			1
Mais de 21 anos			2				3	1		6
TOTAIS	5	2	14	3	2	1	19	37		83

TABELA XXXIV

COMPARAÇÃO, SEGUNDO EXPERIMENTADORES, ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE UTILIZADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Relativa)

DROGA IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
8 anos										
9 anos										
10 anos			1,2		1,2			2,4		4,8
11 anos								1,2		1,2
12 anos			2,4					3,7		6,1
13 anos			1,2					2,4		3,6
14 anos			2,4					4,8		7,2
15 anos	1,2	2,4		2,4	1,2	1,2	7,3	6,0		21,7
16 anos	3,7		2,4	1,3			6,0	6,0		19,4
17 anos			2,4				1,2			10,9
18 anos	1,2		2,4				2,4	7,2		13,2
19 anos							1,2	2,4		3,6
20 anos							1,2	7,3		1,2
Mais de 21 anos			2,3				3,6	1,2		7,1
TOTAIS	6,1	2,4	16,7	3,7	2,4	1,2	22,9	44,6		100,0

Com relação ao questionário modelo A, nas escolas públicas e privadas, os calmantes aparecem mais com a idade de início da experiência de 17 anos, 06 casos (14,0%), seguindo-se a idade de 15 anos, com 04 casos (9,3%). As idades de início da experiência com este tipo de droga de 10, 14 e 16 anos registram, cada uma, 03 casos (7,0%) cada.

Os comprimidos para dormir são experimentados, com mais destaque, na idade de 15 anos, com 04 casos (9,4%), embora se registre um caso (2,3%) nas idades de 14, 16, 17 e 20 anos, cada.

Registra-se a idade de início da experimentação de maconha mais com a idade de 15 anos, com dois casos (4,7%), aparecendo, ainda, 01 caso (2,3%) na idade de 16 anos e outro caso (2,3%) com mais de 21 anos.

A cocaína, também, aparece mais com a idade de início de 15 anos, com 04 casos (9,3%), apesar de se registrar um caso único (2,3%) com a idade de 14 anos.

Por sua vez, a anfetamina tem maior porcentagem na idade inicial de 16 anos, com 02 casos (4,7%), indicando-se um caso (2,3%) com 15 anos e outro caso, também 2,3%, com 17 anos.

Finalmente, a heroína aparece com um caso único (2,3%) na idade de início de 14 anos.

Houve considerável índice de omissão, no que concerne à idade de início de experiência, para ambos os modelos de questionários. Portanto, nesta tabela, os dados aqui referidos dizem respeito aos experimentadores que declinaram tal informação.

Quanto ao questionário modelo B, o exame desses dados revela que 19 experimentadores (22,9%) iniciaram sua experiência entre 10 e 14 anos. Outrossim, verificamos que 54 (65,2%) experimentadores iniciaram sua experiência entre 15 e 18 anos, enquanto que 04 (4,8%) experimentadores a iniciaram entre 19 e 20 anos e 06 (7,1%) experimentadores a iniciaram com mais de 21 anos. Conclui-se, por conseguinte, que a faixa etária intermediária — 15 a 18 anos — apresenta maior prevalência, relativamente à idade com a qual se iniciou a experiência, havendo predominância nos estratos indicativos de 15 anos (21,7%) e 16 anos (19,4%).

No que concerne ao tipo de droga inicialmente experimentado, verifica-se que no primeiro estrato etário — 10

a 14 anos — experimenta-se, fundamentalmente, calmantes e maconha. Assim sendo, foram identificados 12 casos (14,5%) de experimentação de tranqüilizantes e 06 casos (7,2%) de maconha.

Quando se trata de observar este aspecto, no interior do estrato etário intermediário, observa-se a ocorrência de uma diversidade na experimentação de drogas. Em decorrência, foram levantados: 22 casos (26,5%) de tranqüilizantes, 14 casos (16,9%) de barbitúricos, 06 casos (7,2%) de maconha, 05 casos (6,1%) de anfetamina, sendo que as demais drogas não registraram percentuais de grande relevância, comparativamente àqueles acima indicados.

No que respeita a última faixa etária — 19 a 25 anos — predominam a experimentação de barbitúricos (6,0%), de tranqüilizantes (3,6%) e de maconha (2,3%).

Ressalvadas as considerações anteriores a respeito, temos que a maior prevalência de experimentadores encontra-se entre aqueles cuja idade de início da experiência oscila entre 15 e 18 anos, constituindo basicamente na experimentação de tranqüilizantes, barbitúricos, maconha e anfetaminas.

TABELA XXXV

COMPARAÇÃO ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA
E A IDADE ATUAL DO EXPERIMENTADOR

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Absoluta)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	IDADE ATUAL (anos completos)											TOTAIS
	Até 12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 35 anos	Mais que 35 anos		
8 anos												
9 anos												
10 anos				1			2					3
11 anos												
12 anos												
13 anos												
14 anos			2	2		2						6
15 anos				3	4	2	3	4				16
16 anos					2	2	3					7
17 anos						1	6	1				8
18 anos								1				1
19 anos								1				1
20 anos												
Mais de 21 anos								1				1
TOTAIS			2	6	6	7	14	8				43

TABELA XXXV

COMPARAÇÃO ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA
E A IDADE ATUAL DO EXPERIMENTADOR

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Relativa)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos) \ IDADE ATUAL (anos completos)	Até 12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 35 anos	Mais que 35 anos	TOTAIS
8 anos											
9 anos											
10 anos				2,4			4,6				7,0
11 anos											
12 anos											
13 anos											
14 anos			4,6	4,6		4,6					13,8
15 anos				7,0	9,3	4,6	7,0	9,4			37,3
16 anos					4,7	4,7	7,0				16,4
17 anos						2,4	13,9	2,3			18,6
18 anos								2,3			2,3
19 anos								2,3			2,3
20 anos											
Mais de 21 anos								2,3			2,3
TOTAIS			4,6	14,0	14,0	16,3	32,5	18,6			100,0

TABELA XXXV

COMPARAÇÃO ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA
E A IDADE ATUAL DO EXPERIMENTADOR

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B
(Frequência Absoluta)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	IDADE ATUAL (anos completos)										TOTAIS
	Até 12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 35 anos	Mais que 35 anos	
8 anos											
9 anos											
10 anos						2		2			4
11 anos			1								1
12 anos				2	1		2				5
13 anos			1				2				3
14 anos			1	1	3	1					6
15 anos			2	4	4	2	1	4			17
16 anos					7	3	4	1	1		16
17 anos						5	2	2			9
18 anos							6	5			11
19 anos								3			3
20 anos								1			1
Mais de 21 anos								5	1		6
TOTAIS			5	7	15	13	15	25	2		82

TABELA XXXV

COMPARAÇÃO ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA
E A IDADE ATUAL DO EXPERIMENTADOR

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Relativa)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	IDADE ATUAL anos completos										
	Até 12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 35 anos	Mais que 35 anos	TOTAIS
8 anos											
9 anos											
10 anos						2,4		2,4			4,8
11 anos			1,3								1,3
12 anos				2,4	1,3			2,4			6,1
13 anos			1,2				2,4				3,6
14 anos			1,2	1,3	3,7	1,3					7,5
15 anos			2,4	4,8	4,8	2,4	1,3	4,8			20,5
16 anos					8,5	3,7	4,8	1,3	1,3		19,6
17 anos						6,0	2,4	2,4			10,8
18 anos							7,4	6,1			13,5
19 anos								3,7			3,7
20 anos								1,3			1,3
Mais de 21 anos								6,1	1,2		7,3
TOTAIS			6,1	8,5	18,3	15,8	18,3	30,5	2,5		100,0

Com relação ao questionário modelo A, comparando-se a idade de início da experiência e a idade atual do experimentador, encontramos os seguintes dados:

- a) a idade da experiência coincidindo com a idade atual:
 com 15 anos, 03 casos (7%);
 com 16 anos, 02 casos (4,7%);
 com 14 anos, 02 casos (4,6%);
- b) experiência havida na idade imediatamente anterior à idade atual:
 com 17 anos, 06 casos (13,9%), sendo 18 anos a idade atual;
 com 15 anos, 04 casos (9,3%), sendo 16 anos a idade atual;
 com 16 anos, 02 casos (4,7%), sendo 17 anos a idade atual;
 com 14 anos, 02 casos (4,6%), sendo 15 anos a idade atual;
- c) experiência havida dois anos antes da idade atual:
 com 16 anos, 03 casos (7,0%), atualmente com 18 anos;
- d) experiência havida três anos antes da idade atual:
 com 15 anos, 03 casos (7,0%), atualmente com 18 anos;
 com 14 anos, 02 casos (4,6%), atualmente com 17 anos.

Em linhas gerais, verifica-se que as idades de início da experimentação são de 14, 15, 16 e 17 anos. Entretanto, a idade de início com 15 anos apresenta porcentagem maior, com 10 casos (23,3%). Em segundo lugar vem a idade de 16 anos, com 07 casos (16,4%); em terceiro lugar, a idade

de 17 anos, com 06 casos (13,9%) e, em quarto lugar, a idade de 14 anos, com 06 casos (13,8%).

Com referência ao questionário modelo B, os dados contidos nesta tabela identificam a existência de 19 experimentadores (23,3%) cuja idade de início da experiência oscila entre 10 e 14 anos; 53 experimentadores (64,3%) cuja idade de início situa-se entre os estratos etários que compreendem estudantes de 15 a 18 anos; 04 experimentadores (5,0) cuja idade de início se situa entre 19 e 20 anos e 06 experimentadores (7,3%) cuja idade de início da experiência se situa no estrato denotativo de mais de 21 anos. Estas observações revelam que as faixas etárias intermediárias — 15 a 18 anos — registram maior prevalência na experimentação de drogas, no tocante à idade de início da experiência.

Por outro lado, verificamos que 12 experimentadores (14,6%) possuem entre 14 e 15 anos, enquanto que 43 experimentadores (52,4%) informaram idade atual entre 16 e 18 anos. Além do mais, 25 experimentadores (30,5%) declararam como idade atual, de 19 a 25 anos.

Assim sendo, duas suposições são passíveis de se notar. Por um lado, considerando-se que a maior prevalência de experimentadores, no tocante à idade de início — localizada nos estratos etários intermediários — coincide com a maior prevalência de experimentadores, no que concerne à idade atual, é possível sugerir a hipótese segundo a qual no ano da aplicação dos instrumentos estava ocorrendo o fenômeno da experimentação. Esta circunstância sugere, ainda que indiretamente, a fidedignidade das informações prestadas diante da proximidade existente entre o período de experimentação e o período de investigação.

Por outro lado, verifica-se que, tão-somente, 12,3% dos experimentadores iniciaram sua experiência entre 19 e mais de 21 anos, ao passo que 30,5% dos experimentadores possuem idade atual entre 19 e 25 anos.

TABELA XXXVI

COMPARAÇÃO ENTRE A IDADE ATUAL DO USUÁRIO E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE EXPERIMENTADO
 (Redes Particular e Oficial)

MODELO A

DROGA IDADE ATUAL (anos completos)	FREQUÊNCIA ABSOLUTA									FREQUÊNCIA RELATIVA											
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	
Até 12 anos																					
13 anos			1				2	1		4		1,8					3,5	1,7		7,0	
14 anos							3	3		6							5,2	5,3		10,5	
15 anos				1				1		2			1,8					1,7		3,5	
16 anos			2				2	3		7		3,5					3,5	5,3		12,3	
17 anos			5	1			1	4		11		8,8	1,7				1,8	7,0		19,3	
18 anos			2				2	5		9		3,5					3,5	8,8		15,8	
Entre 19 e 25 anos	2		4				3	8		17	3,5	7,0					5,3	14,1		29,9	
Entre 26 e 35 anos			1							1		1,7								1,7	
Mais que 35 anos																					
TOTAIS	2		15	2			13	25		57	3,5	26,3	3,5				22,8	43,9		100,0	

TABELA XXXVI

COMPARAÇÃO ENTRE A IDADE ATUAL DO USUÁRIO E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE EXPERIMENTADO
(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

DROGA IDADE ATUAL (anos completos)	FREQUÊNCIA ABSOLUTA									FREQUÊNCIA RELATIVA										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos																				
13 anos							1	2		3							1,2	2,4		3,6
14 anos	1						1	5		7	1,2						1,2	6,0		8,4
15 anos	1		4					5		10	1,2	4,8						6,0		12,0
16 anos	1		3			1	3	5		13	1,2	3,6			1,2	3,6	6,0		15,6	
17 anos	1		5			1	3	4		14	1,2	6,0			1,2	3,6	4,8		16,8	
18 anos	2		1	1			1	9		14	2,4	1,2	1,2			1,2	10,9		16,9	
Entre 19 e 25 anos	2	1	9		1		5	4		22	2,5	1,2	10,9	1,2		6,0	4,9		26,7	
Entre 26 e 35 anos																				
Mais de 35 anos																				
TOTALS	8	1	22	1	1	2	14	34		83	9,7	1,2	26,5	1,2	1,2	2,4	16,8	41,0		100,0

Com referência ao questionário modelo A, nas escolas públicas e privadas, entre os usuários cuja droga de início da experiência foi o calmante, num total de 25 casos (43,9%), a idade atual que mais aparece é entre 19 e 25 anos, com 08 casos (14,1%), seguindo-se 18 anos, com 05 casos (8,8%); 17 anos, com 04 casos (7,0%) e, de forma igual, 16 e 14 anos, com 03 casos cada (5,3%). A menor idade registrada é de 13 anos, com um caso (1,7%).

Entre os usuários que se iniciaram no uso de droga com maconha, totalizando 15 casos (26,3%), observa-se que, na época da aplicação dos instrumentos, a maior porcentagem aparece com 17 anos, 05 casos (8,8%), seguindo-se as idades de 19 e 25 anos, 04 casos (7,0%). A menor idade atual registrada é de 13 anos, com um caso (1,8%).

A terceira droga de maior prevalência de uso é o comprimido para dormir, identificado para 13 casos (22,8%). A idade atual dos que se iniciaram nesta droga é mais prevalente de 19 a 25 anos, com 03 casos (5,3%) e 14 anos, também com 03 casos (5,2%). Aparece na mesma porcentagem com a idade atual de 13, 16 e 18 anos, 02 casos para cada (3,5%), num total de 06 casos (10,5%).

É interessante observar que, enquanto calmante e maconha aparecem com percentual mais elevado na idade de 17 anos (7,7% e 8,8% respectivamente), o comprimido para dormir é indicado apenas por 1,8%.

Cocaína e anfetamina registram o mesmo percentual, com 02 casos cada (3,5%). Dos dois estudantes que indicaram cocaína como o tipo de droga inicialmente experimentado, um estava, na época da pesquisa, com 15 anos, enquanto que outro, com 17 anos. Quanto aos dois casos de uso inicial de anfetamina, são identificados por alunos na faixa etária atual de 19 a 25 anos.

Com relação ao questionário modelo B, nas escolas das redes particular e oficial, a análise das informações contidas nesta tabela indica que 10 usuários com idade atual entre 13 e 14 anos representam o percentual de 12,0% do total de usuários identificados. Nesta faixa etária, o que se verificou é que os tranqüilizantes constituem, predominantemente, a droga de iniciação, seguida de comprimido para dormir e de anfetamina, esta última em menor proporção. Comparativamente, foram identificados 07 casos (8,4%) de uso inicial de calmantes em relação a 02 casos (2,4%) de uso inicial de comprimidos para dormir e a apenas um caso (1,2%) de uso inicial de anfetamina.

No que se refere aos estratos etários que representam, no conjunto, a maior prevalência de uso de drogas, observamos que, à medida em que se passa dos estratos etários menos elevados (15 a 16 anos) aos estratos etários mais elevados (17 a 18 anos), aumenta a prevalência de usuários. No conjunto, foram identificados 51 casos (71,0%). Há, nesses estratos, uma maior diversidade do uso de drogas. Assim sendo, verificamos que a maior prevalência diz respeito ao uso inicial de tranqüilizantes, representado pela identificação de 27 casos (27,7%). Contrariamente ao observado no que se refere aos experimentadores, no caso dos usuários, a segunda droga inicialmente mais utilizada é a maconha, pois foram observados 13 casos (15,6%). Nesta mesma faixa etária, mencionam-se, ainda: o uso inicial de barbitúricos, com 07 casos (8,4%) e o uso inicial de anfetaminas, 08 casos (6,0%).

Entre estes estudantes pesquisados, com a idade atual entre 19 e 25 anos, foram levantados 22 usuários (26,7%), constituindo a maconha a droga de iniciação de maior prevalência, com 09 casos (10,9%), seguindo-se os barbitúricos, os tranqüilizantes e, finalmente, as anfetaminas.

TABELA XXXVII

COMPARAÇÃO, SEGUNDO USUÁRIOS, ENTRE A IDADE ATUAL E A
IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Absoluta)

IDADE ATUAL (anos completos)	Até 12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 35 anos	Mais de 35 anos	TOTAIS
8 anos											
9 anos											
10 anos											
11 anos											
12 anos											
13 anos											
14 anos					1	1		1			3
15 anos				1	1		1	3		1	7
16 anos						3	1	2			6
17 anos						2	2	2	1		7
18 anos								2			2
19 anos								3			3
20 anos											
Mais de 21 anos								1			1
TOTAIS				1	2	6	4	14	1	1	29

TABELA XXXVII

COMPARAÇÃO, SEGUNDO USUÁRIOS, ENTRE A IDADE ATUAL E A
IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Relativa)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	IDADE ATUAL (anos completos)										TOTAIS
	Até 12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 35 anos	Mais de 35 anos	
8 anos											
9 anos											
10 anos											
11 anos											
12 anos											
13 anos											
14 anos					3,5	3,5		3,5			10,5
15 anos				3,4	3,5		3,5	10,4		3,5	24,3
16 anos						10,3	3,5	6,8			20,6
17 anos						6,8	6,8	6,8	3,5		23,9
18 anos								6,8			6,8
19 anos								10,4			10,4
20 anos											
Mais de 21 anos								3,5			3,5
TOTAIS				3,4	7,0	20,6	13,8	48,2	3,5	3,5	100,0

TABELA XXXVII

COMPARAÇÃO, SEGUNDO USUÁRIOS, ENTRE A IDADE ATUAL E A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Absoluta)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	IDADE ATUAL (anos completos)										
	Até 12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 35 anos	Mais de 35 anos	TOTAIS
8 anos											
9 anos					1						1
10 anos											
11 anos											
12 anos			1		1	2		3			7
13 anos				2	1						3
14 anos			2	2			1	2			7
15 anos				1	4	3		2			10
16 anos					1		4	1			6
17 anos						1	1	4			6
18 anos							2	1			3
19 anos								3			3
20 anos								1			1
Mais de 21 anos								1			1
TOTAIS			3	5	8	6	8	18			48

TABELA XXXVII

COMPARAÇÃO, SEGUNDO USUÁRIOS, ENTRE A IDADE ATUAL E A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Relativa)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	IDADE ATUAL (anos completos)										TOTAIS
	Até 12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Entre 19 e 25 anos	Entre 26 e 35 anos	Mais de 35 anos	
8 anos											
9 anos					2,0						2,0
10 anos											
11 anos											
12 anos			2,1		2,1	4,2		6,3			14,7
13 anos				4,2	2,1						6,3
14 anos			4,2	4,2			2,1	4,2			14,7
15 anos				2,0	8,4	6,3		4,2			20,9
16 anos					2,0		8,4	2,0			12,4
17 anos						2,0	2,0	8,4			12,4
18 anos							4,2	2,1			6,3
19 anos								6,3			6,3
20 anos								2,0			2,0
Mais de 21 anos								2,0			2,0
TOTAIS			6,3	10,4	16,6	12,5	16,7	37,5			100,0

Esta tabela permite conhecer a distância temporal entre a época da aplicação do questionário — ano de sua aplicação — e a época (ano) em que o usuário teve o início da experiência da droga. O tempo (ano) ficou aqui indicado pela idade atual e a idade de início da experiência.

Com relação ao questionário modelo A, fazendo-se a comparação acima referida, encontramos os seguintes dados:

- a) a idade da experiência coincidindo com a idade atual, indicada aqui por 07 usuários (24,1%), dos quais:

com a idade de 19 anos, 03 casos (10,4%);
com 17 anos, 02 casos (6,8%);
com mais de 21 anos, 01 caso (3,5%);
com 15 anos, 01 caso (3,4%).

- b) experiência havida na idade imediatamente anterior à idade atual, indicada aqui por 08 usuários (26,4%), dentre os quais:

com a idade de 16 anos, 03 casos (10,3%), agora com 17 anos;
com a idade de 17 anos, 02 casos (6,8%), agora com 18 anos;
com a idade de 18 anos, 02 casos (6,8%), estando agora com a idade entre 19 e 25 anos, e
com 15 anos, 01 caso (3,5%), contando agora com 16 anos;

- c) experiência havida dois anos antes da idade atual, registrada por 06 usuários (20,6%), dentre os quais:
com 17 anos, 02 casos (6,8%), atualmente com idade entre 19 e 25 anos;

com 18 anos, 02 casos (6,8%), atualmente com idade entre 19 e 25 anos;

com 14 anos, 01 caso (3,5%), atualmente com 16 anos;

com 16 anos, 01 caso (3,5%), atualmente com 18 anos.

- d) experiência havida três anos antes da idade atual, registrada por 04 usuários (13,8%), dentre os quais: com 16 anos, 02 casos (6,8%), atualmente com a idade entre 19 e 25 anos;

com 14 anos, 01 caso (3,5%), atualmente com 17 anos;

com 15 anos, 01 caso (3,5%), atualmente com 18 anos.

O restante dos usuários teve sua primeira experiência com drogas há mais de três anos.

Quanto ao questionário modelo B, os dados colhidos, nas escolas públicas e privadas, permitiram identificar 17 usuários (35,7%), cuja idade de início da experiência oscila entre 12 e 14 anos. Da mesma forma, foram identificados 25 usuários (52,0%) cuja idade de início da experiência oscila entre 15 e 18 anos. Em contrapartida, apenas 04 usuários (8,3%) iniciaram sua experiência entre 19 e 20 anos e 01 usuário (2,0%) com mais de 21 anos. Embora a maior

parcela de usuários tenha iniciado sua experiência entre 15 e 18 anos, verifica-se que o percentual indicativo de usuários que iniciaram sua experiência entre 12 e 14 anos é elevado.

No que respeita à idade atual, 08 usuários (16,7%) situam-se nos estratos entre 14 e 15 anos e 22 usuários (45,8%) nos estratos entre 16 e 18 anos. Em contrapartida, 18 usuários (37,5%) acusaram idade atual entre 19 e 25 anos. Comparando-se os dados relativos à idade de início da experiência, com aqueles atinentes à idade atual do usuário, temos uma certa aproximação entre a maior prevalência de usuários que iniciaram a experiência nos estratos etários intermediários e a maior prevalência entre os usuários cuja idade atual os situa nos estratos etários intermediários. Por outro lado, entre os usuários cuja idade atual os situa entre 19 e 25 anos (37,5%), tão-somente, uma pequena parcela iniciou sua experiência nesses estratos etários. Assim, ao que tudo parece indicar, duas conclusões podem ser obtidas: primeiramente, temos que o início da experiência ocorre, via de regra, nos estratos etários intermediários — tomando-se a faixa etária de 15 anos como percentual mais elevado (20,9%); em segundo lugar, temos que, efetivamente, no que se refere aos usuários, essa forma de comportamento tem se revestido de caráter habitual e prolongado, haja vista a concentração daquele grupo entre os estratos etários mais elevados.

TABELA XXXVIII

COMPARAÇÃO, SEGUNDO USUÁRIOS, ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE USADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Absoluta)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	DROGA									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
8 anos										
9 anos										
10 anos										
11 anos										
12 anos										
13 anos										
14 anos			2					1		3
15 anos	1			1			1	2		6
16 anos			5	1			1			6
17 anos	1		2				1	3		7
18 anos								2		2
19 anos							1	2		3
20 anos										
Mais de 21 anos							1			1
TOTAIS	2		10	1			5	10		28

TABELA XXXVIII

COMPARAÇÃO, SEGUNDO USUÁRIOS, ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE USADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Relativa)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	DROGA									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
8 anos										
9 anos										
10 anos										
11 anos										
12 anos										
13 anos										
14 anos			7,1					3,6		10,7
15 anos	3,6		3,6	3,6			3,6	7,1		21,5
16 anos			17,9				3,6			21,5
17 anos	3,5		7,1				3,6	10,8		25,0
18 anos								7,1		7,1
19 anos							3,6	7,1		10,7
20 anos										
Mais de 21 anos							3,5			3,5
TOTAIS	7,1		35,7	3,6			17,9	35,7		100,0

TABELA XXXVIII

COMPARAÇÃO, SEGUNDO USUÁRIOS, ENTRE A IDADE DE INÍCIO
DA EXPERIÊNCIA E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE USADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Absoluta)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	DROGA									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
8 anos										
9 anos			1							1
10 anos										
11 anos										
12 anos	1	1	5							7
13 anos								3		3
14 anos	2		3					2		7
15 anos			3			1	5	1		10
16 anos	1			1	1		1	3		7
17 anos			4					2		6
18 anos								3		3
19 anos	1						2			3
20 anos								1		1
Mais de 21 anos							1			1
TOTAIS	5	1	16	1	1	1	9	15		49

TABELA XXXVIII

COMPARAÇÃO, SEGUNDO USUÁRIOS, ENTRE A IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA E O TIPO DE DROGA INICIALMENTE USADO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Relativa)

IDADE DE INÍCIO DA EXPERIÊNCIA (anos completos)	DROGA									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
8 anos										
9 anos			2,1							2,1
10 anos										
11 anos										
12 anos	2,1	2,0	10,2							14,3
13 anos								6,1		6,1
14 anos	4,0		6,1					4,1		14,2
15 anos			6,1			2,0	10,2	2,1		20,4
16 anos	2,1			2,0	2,0		2,1	6,1		14,3
17 anos			8,2					4,1		12,3
18 anos								6,1		6,1
19 anos	2,0						4,0			6,0
20 anos								2,1		2,1
Mais de 21 anos							2,1			2,1
TOTAIS	10,2	2,0	32,7	2,0	2,0	2,0	18,4	30,7		100,0

Com referência ao questionário modelo A, nas redes particular e oficial, a comparação entre a idade de início da experiência e o tipo de droga inicialmente utilizado, por parte dos usuários, a idade mais baixa indicada é 14 anos, com 03 casos (10,7%), dos quais 02 casos de maconha (7,1%) e um caso de calmante (3,6%).

Com a idade de início da experiência com droga de 15 anos aparecem, em maior porcentagem, calmantes, com 02 casos (7,1%) e, depois, anfetaminas, com um caso (3,6%), maconha, com um caso (3,6%), cocaína, com um caso (3,6%) e comprimidos para dormir, com um caso (3,6%).

Com 16 anos, na época do início do uso de droga, há 05 alunos (17,9%) utilizando maconha — a maior porcen-

tagem registrada nesta tabela — e um aluno (3,6%), comprimidos para dormir.

Na idade de 17 anos, 03 alunos (10,8%) experimentaram calmante; 02 alunos (7,1%) começaram com maconha; 01 aluno (3,6%) com comprimidos para dormir e um estudante (3,5%), anfetaminas. Esta é a idade que apresentou maior porcentagem de experimentação, com 07 casos (25,0%), em comparação com as idades de 15 anos, com 06 casos (21,5%), e 16 anos, com 06 casos (21,5%).

Aos 18 anos de idade, foram indicados unicamente calmantes, como droga de início, com 02 casos (7,1%).

Aos 19 anos, foram indicados 02 casos de uso de calmantes (7,1%) e um caso de comprimidos para dormir (3,6%).

Com mais de 21 anos, aparecem unicamente comprimidos para dormir, indicados por um único aluno (3,5%).

Observa-se, portanto, que a faixa etária de 15 a 17 anos revela 19 usuários (68,0%) que tiveram o início da experiência com droga.

Com relação ao questionário modelo B, nas escolas públicas e particulares, foram identificados 13 usuários (34,6%) cuja idade de início da experiência oscila entre 12 e 14 anos. Entre eles, verificamos que 08 usuários (10,2%) iniciaram sua experiência utilizando tranqüilizantes, enquanto que 03 usuários (6,1%) iniciaram experimentando anfetaminas. Esses dados revelam que, entre os usuários situados nestes estratos etários, a maconha constitui a droga de início da experiência que adquire maior destaque.

Outrossim, foram identificados 26 usuários (53,1%) cuja idade de início da experiência oscila entre 15 a 18 anos.

Entre estes, houve maior diversidade no consumo de drogas. Isto posto, observamos 07 usuários (14,3%) de maconha; 06 usuários (12,3%) de barbitúricos e 09 usuários (18,4%) de tranqüilizantes. Muito embora, nesses estratos intermediários — 15 a 18 anos — predominem os tranqüilizantes como droga de início da experiência, é relevante salientar que os percentuais registrados pelo uso de maconha e de barbitúricos são bastante significativos, principalmente se comparados com os percentuais de outras drogas, como cocaína, heroína e LSD, que acusaram porcentagens pouco relevantes. Assim, em termos genéricos, entre os usuários cujo início de experiência ocorreu entre 15 e 18 anos, as drogas inicialmente utilizadas são tranqüilizantes, barbitúricos e maconha.

Por fim, foram identificados 04 usuários (8,1%) cuja idade de início da experiência ocorreu entre 19 e 20 anos. Os resultados obtidos revelam que estes usuários distribuem-se, segundo droga inicialmente experimentada, da seguinte forma: um usuário (2,0%) de anfetaminas; 02 usuários (4,0%) de barbitúricos e 01 usuário (2,1%) de tranqüilizantes.

TABELA XXXIX
INCIDÊNCIA DE USUÁRIOS RELATIVAMENTE AO
TIPO DE DROGA UTILIZADO INICIALMENTE
(Redes Particular e Oficial)

MODELO A
(Frequência Absoluta)

TIPO DE DROGA INICIAL FREQUÊNCIA	TIPO DE DROGA INICIAL									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Diariamente							1	3		4
2 a 5 vezes por semana			6					3		9
1 vez por semana							1	1		2
Menos de 4 vezes por mês	1		2				2	11		16
Nenhuma vez nos últimos 60 dias	1		4					3		8
TOTAL	2		12				4	21		39

MODELO A
(Frequência Relativa)

TIPO DE DROGA INICIAL FREQUÊNCIA	TIPO DE DROGA INICIAL									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Diariamente							2,6	7,7		10,3
2 a 5 vezes por semana			15,4					7,7		23,1
1 vez por semana							2,6	2,6		5,2
Menos de 4 vezes por mês	2,6		5,1				5,1	28,2		41,0
Nenhuma vez nos últimos 60 dias	2,5		10,3					7,6		20,4
TOTAL	5,1		30,8				10,3	53,8		100,0

TABELA XXXIX
INCIDÊNCIA DE USUÁRIOS RELATIVAMENTE AO
TIPO DE DROGA UTILIZADO INICIALMENTE

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Absoluta)

TIPO DE DROGA INICIAL FREQUÊNCIA	TIPO DE DROGA INICIAL									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Diariamente			2				1	3		6
2 a 5 vezes por semana	1		3				2	5		11
1 vez por semana	1		2				3	2		8
Menos de 4 vezes por mês		1	7				6	9		17
Nenhuma vez nos últimos 60 dias	1		5					3		15
TOTAL	3	1	19				12	22		57

MODELO B

(Frequência Relativa)

TIPO DE DROGA INICIAL FREQUÊNCIA	TIPO DE DROGA INICIAL									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Diariamente			3,5				1,7	5,3		10,5
2 a 5 vezes por semana	1,8		5,3				3,5	8,8		19,4
1 vez por semana	1,8		3,5				5,3	3,5		14,1
Menos de 4 vezes por mês		1,7	12,3					15,7		31,4
Nenhuma vez nos últimos 60 dias	1,7		8,8				10,5	5,3		24,6
TOTAL	5,3	1,7	33,4				21,0	38,6		100,0

No que se refere ao questionário modelo A, a incidência de usuários, relativamente ao tipo de droga inicialmente utilizado, consoante levantado nas redes particular e oficial, é maior entre os usuários que apresentam frequência de uso de drogas de "menos de 4 vezes por mês", com 16 casos (41,0%), assim distribuídos: calmantes, 11 casos (28,2%); maconha, 02 casos (5,1%) e comprimidos para dormir, também com 02 casos (5,1%) e anfetaminas, com 01 caso (2,6%).

A segunda frequência mais registrada é de "duas a cinco vezes por semana", com 09 casos (23,1%), divididos entre maconha, com 06 casos (15,4%) e calmantes, com 03 usuários (7,7%).

Em terceiro lugar, aparece o uso mais constante — diariamente — com o registro de 04 usuários (10,3%), compreendendo-se 03 casos (7,7%) de uso de calmantes e 01 caso (2,6%) de uso de comprimidos para dormir.

O uso de drogas na frequência de "uma vez por semana" aparece em 02 casos (5,2%), sendo 01 de comprimido para dormir e 01 de calmante (2,6% para cada).

Os dados relativos ao questionário modelo B, coletados nas escolas públicas e particulares, dizem respeito, tão-somente, aos usuários que indicaram o uso de drogas e sua respectiva frequência. Isto posto, não se pode generalizar os resultados alcançados para toda a amostra, muito embora acreditemos que as informações registradas permitam traçar tendências ou até mesmo o perfil da incidência de drogas.

As maiores frequências no uso da droga inicialmente experimentada acusaram a existência de 17 usuários (29,9%). As menores frequências no uso da droga inicialmente experimentada acusaram a existência de 25 usuários (45,5%). Em contrapartida, foram identificados 15 usuários (24,6%) que acusaram abstinência da droga inicialmente utilizada, isto nos últimos sessenta dias.

Entre as drogas inicialmente utilizadas, que acusaram as taxas de incidência mais elevada, tivemos tranqüilizantes (14,1%), maconha (8,8%), barbitúricos (5,2%) e anfetaminas (1,8%).

Entre as drogas inicialmente utilizadas, que indicaram taxas de incidência mais baixas, tivemos tranqüilizantes (19,2%), maconha (15,8%), barbitúricos (5,3%) e anfetaminas (3,5%).

De modo geral, no que concerne à prevalência, pode-se dizer que o comportamento verificado entre os usuários com

as taxas de maior incidência reproduz-se quando se trata das taxas de menor incidência. Em termos específicos, observamos que o tranqüilizante, enquanto droga inicialmente experimentada por usuários, apresenta tanto taxas de incidência maiores, quanto taxas de incidência menores. No caso dos barbitúricos, há até mesmo um certo equilíbrio entre as taxas de incidência maiores e menores.

Quanto à maconha e anfetaminas, ocorreram algumas inversões. Em ambos os casos, as taxas de maior incidência acusaram menor prevalência; em contrapartida, as taxas de incidência menores acusaram taxas maiores de prevalência.

TABELA XL
LISTAGEM DO TIPO DE DROGAS UTILIZADAS POR USUÁRIOS, SEGUNDO
FAIXA ETÁRIA E POR USO ÚNICO OU MÚLTIPLO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Absoluta)

DROGAS FAIXA ETÁRIA (anos completos)	USO ÚNICO									USO MÚLTIPLO										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos																				
13 anos							2			2	1	1								2
14 anos							3	3		6	1	1				1	1	1	1	5
15 anos								1		1			1			1	1			3
16 anos							1	1		2	1	1	2	1		1	1	4	4	15
17 anos			3					3		6	5		4	1		4	4	4	4	22
18 anos							1	2		3	1	2	4	1	1	3	5	1	1	18
Entre 19 e 25 anos	1		5				2	2		10	1					3	6	2		12
Entre 26 e 35 anos			1							1										
Mais de 35 anos								2		2										
TOTAIS	1		9				9	14		33	10	4	11	4		2	13	21	12	77

TABELA XL

LISTAGEM DO TIPO DE DROGAS UTILIZADAS POR USUARIOS, SEGUNDO
FAIXA ETARIA E POR USO UNICO OU MULTIPLO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO A

(Frequência Relativa)

DROGAS FAIXA ETARIA (anos completos)	USO UNICO										USO MULTIPLO									
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos																				
13 anos						6,0			6,0	1,3		1,3								2,6
14 anos						9,1	9,1		18,2	1,3	1,3					1,3	1,3	1,3		6,5
15 anos							3,1		3,1			1,3				1,3	1,3			3,9
16 anos						3,0	3,1		6,1	1,3	1,3	2,6	1,3		1,3	1,3	5,2	5,2		19,5
17 anos			9,1				9,1		18,2	6,5		5,2	1,3			5,2	5,2	5,2		28,6
18 anos						3,0	6,1		9,1	1,3	2,6	5,2	1,3		1,3	3,9	6,5	1,2		23,3
Entre 19 e 25 anos	3,0		15,1			6,0	6,1		30,2	1,3						3,9	7,8	2,6		15,6
Entre 26 e 35 anos			3,0						3,0											
Mais de 35 anos							6,1		6,1											
TOTAIS	3,0		27,2			27,1	42,7		100,0	13,0	5,2	14,3	5,2		2,6	16,9	27,3	15,5		100,0

TABELA XL

LISTAGEM DO TIPO DE DROGAS UTILIZADAS POR USUARIOS, SEGUNDO
FAIXA ETARIA E POR USO UNICO OU MULTIPLO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Absoluta)

DROGAS FAIXA ETARIA (anos completos)	USO ÚNICO									USO MULTIPLO										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAÍNA	MORFINA	HEROÍNA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos																				
13 anos								1		1							1		1	2
14 anos								3		3	2		1				3	2	2	10
15 anos			2					3		5	3	3						4	6	16
16 anos	1		1				1	3		6	2	2	1		1	4	5	2		17
17 anos			4			1		4		9	1	1				5	4	3		14
18 anos	1		1					6		8	1	1	1			3	4	3		13
Entre 19 e 25 anos			4				1	4		9	4	2	7	1		7	8	2		31
Entre 26 e 35 anos																				
Mais de 35 anos																				
TOTAIS	2		12			1	2	24		41	13	3	15	1	1	1	23	27	19	103

TABELA XL

LISTAGEM DO TIPO DE DROGAS UTILIZADAS POR USUARIOS, SEGUNDO
FAIXA ETARIA E POR USO ÚNICO OU MÚLTIPLO

(Redes Particular e Oficial)

MODELO B

(Frequência Relativa)

DROGAS FAIXA ETARIA (anos completos)	USO ÚNICO									USO MÚLTIPLO										
	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL	BOLINHA	LSD	MACONHA	COCAINA	MORFINA	HEROINA	COMPR. DORMIR	CALMANTE	OUTRA DROGA	TOTAL
Até 12 anos																				
13 anos							2,4		2,4							1,0		1,0	2,0	
14 anos							7,3		7,3	1,9		0,9				2,9	1,9	1,9	9,5	
15 anos			4,9				7,3		12,2	2,9		2,9					3,9	5,8	15,5	
16 anos	2,5		2,5			2,5	7,3		14,8	1,9		1,9	1,0		1,0	3,9	4,9	1,9	16,5	
17 anos			9,7		2,5		9,7		21,9	1,0		1,0				4,8	3,9	2,9	13,6	
18 anos	2,5		2,5				14,6		19,6	1,0	1,0	1,0				2,9	3,9	2,9	12,7	
Entre 19 e 25 anos			9,8			2,4	9,6		21,8	3,9	1,9	6,9		1,0		6,9	7,8	1,8	30,2	
Entre 26 e 35 anos																				
Mais de 35 anos																				
TOTAIS	5,0		29,4		2,5	4,9	58,2		100,0	12,6	2,9	14,6	1,0	1,0	1,0	22,4	26,3	18,2	100,0	

Com relação ao questionário modelo A, os dados coletados nas redes particular e oficial revelaram que a porcentagem maior de uso múltiplo de drogas aparece na idade de 17 anos, com 22 casos (28,6%), seguindo-se 18 anos, com 18 alunos (23,3%), 16 anos, indicados por 15 alunos (19,5%) e as idades entre 19 e 25 anos, por 12 alunos (15,6%). As demais idades registradas aparecem com percentual bem menor, a saber, 14 anos, 05 casos (6,5%), 15 anos, com 03 casos (3,9%) e 13 anos, com 02 casos (2,6%).

O uso de droga única aparece com percentual mais elevado nas idades entre 19 e 25 anos, com 10 casos (30,2%), seguindo-se 14 anos, 06 casos (18,2%) e 17 anos, 06 casos (18,2%).

A droga que aparece com porcentagem maior entre os alunos que revelaram uso múltiplo — podendo significar que esteja sendo usada com alguma outra droga pela mesma pessoa — é o calmante, com 21 casos (27,3%).

Seguem, depois, na ordem, comprimido para dormir, indicado por 13 alunos (16,9%), "outra droga", por 12 alunos (15,5%), maconha, por 11 alunos (14,3%), anfetamina, por 10 alunos (13,0%), LSD, com 04 casos (5,2%) e, de forma igual, cocaína, indicada por 04 alunos (5,2%); e heroína, com apenas 02 casos (2,6%).

No que se refere ao questionário modelo B, nas escolas públicas e privadas, o primeiro dado que se sobressai é, sem dúvida, a predominância do uso múltiplo de drogas, comparativamente ao uso único de drogas. Assim, foram identificados 41 casos de uso único de drogas, cuja contrapartida é a existência de 103 casos de uso múltiplo.

No que se refere à questão das faixas etárias, temos 04 casos (9,7%) de uso único de drogas, entre usuários com idade entre 13 e 14 anos; 31 de caso único de drogas (68,5%), entre usuários com idade entre 15 e 18 anos; e 09 casos de uso único de drogas (21,8), entre usuários com idade entre 19 e 25 anos. Assim sendo, conforme se pode verificar, o uso único de drogas centra-se em torno dos usuários localizados nos estratos etários intermediários — 15 a 18 anos.

Ainda dentro deste mesmo aspecto, qual seja, o uso único de drogas, observamos que nos estratos etários inferiores os usuários identificados fazem uso de tranqüilizantes

associado a outras drogas (9,7%). Já, nos estratos etários intermediários, há maior diversidade no consumo de drogas. Assim, foram identificados 16 casos (38,9%) de uso de tranqüilizantes com outra droga e 08 casos (19,6%) de maconha com uso de outra droga. As demais substâncias registraram percentuais pouco expressivos, quando comparados com os percentuais anteriores.

Relativamente ao uso múltiplo de drogas, observamos significativas alterações, comparativamente ao uso único de drogas, não somente do ponto de vista quantitativo, mas, sobretudo, do ponto de vista qualitativo. Isto posto, foram identificados 12 casos (11,5%) de uso múltiplo de drogas entre usuários na faixa etária de 13 a 14 anos. Nos estratos etários intermediários — 15 a 18 anos — foram identificados 60 casos (58,3%). Quanto aos estratos etários mais elevados — notadamente entre estudantes com idade entre 19 e 25 anos — foram observados 31 casos (30,2%) de uso múltiplo de drogas. Assim sendo, como primeiro resultado, podemos dizer que os percentuais de prevalência entre os estratos etários intermediários e superiores são mais aproximados, do que no caso de uso único de drogas, conquanto haja maior prevalência nos estratos intermediários, em ambas as situações.

Nos estratos etários menos elevados, foram registrados casos de uso de anfetamina (1,9%), maconha (0,9%), barbitúricos (3,9%), calmantes (1,9%) e "outras drogas" (2,9%). A maior prevalência, portanto, consistiu no uso de barbitúricos associado a outro ou outros tipos de drogas.

Nos estratos etários intermediários, ocorreram casos de anfetamina (6,8%), maconha (6,8%), barbitúricos (11,6%), tranqüilizantes (16,6%) e "outra droga" (13,5%). Embora o uso de tranqüilizantes, associado a outro ou outros tipos de droga, seja aquele que registra maior prevalência, é importante salientar percentuais elevados de prevalência no uso de "outra droga" não identificada, nos estratos etários intermediários.

Quanto aos estratos etários mais elevados, o uso de tranqüilizantes associado a outro ou outros tipos de droga indicou prevalência mais elevada (7,8%). São significativos, ainda, o uso da maconha (6,9%) e de barbitúricos (6,9%), associado a outro ou outros tipos de droga.

PARTE II — CONCLUSÕES

IV — CONCLUSÕES

As principais conclusões obtidas com os resultados da pesquisa "Investigação sobre Farmacodependência na População Escolar da cidade de São Paulo", pertinentes a este primeiro relatório, podem ser consubstanciadas nos seguintes itens:

1. A prevalência de experimentadores é superior à prevalência de usuários. De modo geral, pode-se dizer que 9 ou 10 entre 100 estudantes pesquisados já experimentaram ou utilizaram drogas. Há uma proporção de 1 ou 2 usuários para cada 2 ou 3 experimentadores em cada 100 estudantes pesquisados.

Nas escolas privadas, há ligeira diminuição entre a distância que separa o percentual de experimentadores do percentual de usuários, observando-se, pois, número proporcionalmente maior de usuários, comparativamente aos resultados gerais que englobam tanto as escolas da rede particular quanto as escolas da rede oficial. Os resultados alcançados demonstram que 11 estudantes pesquisados já experimentaram ou utilizaram drogas, com fins não medicamentosos, entre 100 estudantes. Comparativamente, há uma proporção de 5 usuários para cada 6 ou 8 experimentadores, entre 100 alunos.

Nas escolas públicas, observou-se que 9 ou 10 estudantes, entre 100 alunos pesquisados, já experimentaram ou utilizaram drogas. Nas escolas oficiais, ocorre leve declínio nas taxas de prevalência de usuários e de experimentadores, muito embora seja pequena a distância que separa estas daquelas verificadas nas escolas particulares.

2. Os resultados obtidos com a aplicação de ambos os questionários revelaram maior prevalência de usuários e de experimentadores entre os estudantes que freqüentam escolas no período noturno, resultado que se obteve considerando-se a distribuição proporcional de estudantes nos respectivos períodos que compuseram a amostra.

Nas escolas privadas, verificou-se maior prevalência de usuários e de experimentadores entre os estudantes que freqüentam escola no período noturno. Por outro lado, foi possível observar, comparativamente às escolas da rede oficial, distância bastante notória entre a maior concentração de usuários no período noturno e a prevalência de usuários nos demais períodos. Essa distância não foi verificada no caso dos experimentadores.

Tratando-se das escolas oficiais, também aparece maior prevalência de usuários e de experimentadores entre os estudantes do período noturno. Entretanto, a diferença numérica entre este período e os demais é bem mais acentuada no caso dos experimentadores, do que entre os usuários.

3. No que concerne às faixas etárias, nas redes oficial e particular, a maior prevalência de usuários ocorre entre estudantes com idade entre 15 e 18 anos. Quanto aos experimentadores, a maior prevalência é observada na faixa etária de 14 a 18 anos.

Nas escolas privadas, os usuários concentram-se mais na faixa etária de 19 a 25 anos (estratos etários mais elevados). Relativamente aos experimentadores, ocorreu

maior concentração entre estudantes na faixa de 18 a 25 anos. Assim sendo, quer se trate de experimentadores, quer se trate de usuários, nas escolas particulares o fenômeno do uso abusivo de drogas está mais presente nos estratos etários mais elevados.

No caso das escolas que compõem a rede oficial, o que se observou é a maior prevalência de usuários e experimentadores localizados nos estratos etários inferiores ou médios.

4. Comparativamente ao número de alunos de cada sexo que compuseram a amostra, verificamos distribuição quase semelhante de usuários e de experimentadores entre ambos os sexos, ocorrendo, contudo, ligeira predominância do sexo masculino.

Nas escolas privadas, há maior prevalência de usuários e de experimentadores do sexo masculino. Nas escolas públicas, há prevalência ligeiramente maior de usuários e de experimentadores do sexo masculino.

5. Quanto ao uso de bebidas alcoólicas, obtivemos algumas conclusões interessantes. Observou-se certa aproximação entre o uso abusivo e a experimentação de drogas e o consumo de bebidas alcoólicas. Entretanto, a maior prevalência de usuários e de experimentadores acusou baixa freqüência do uso de bebidas alcoólicas, o que dificulta qualquer conclusão no sentido de comprovar alguma relação positiva entre o uso de drogas e o consumo de bebidas alcoólicas.

6. Segundo foi possível verificar, os experimentadores tiveram sua iniciação com drogas entre a faixa etária de 15 a 18 anos, tendo em vista a maior prevalência registrada nestes estratos.

7. No que concerne ao tipo de droga inicialmente utilizado por experimentadores, a maior prevalência é de calmantes, seguindo-se comprimidos para dormir e, em terceiro lugar, maconha. As demais drogas como cocaína, anfetamina e heroína aparecem em porcentagens baixas.

8. No que concerne à idade de início da experiência entre os usuários, ocorreu maior prevalência entre as faixas etárias de 14 a 17 anos. A droga inicialmente experimentada por usuários é, via de regra, calmante, seguindo-se maconha e comprimido para dormir. Em menor prevalência, os usuários iniciam sua experiência utilizando anfetamina, LSD, heroína e cocaína.

9. A distribuição de freqüência do uso de drogas entre as faixas etárias é bastante diversificada, conforme o tipo de substância utilizado. Quanto aos tranqüilizantes — droga de consumo mais prevalente — observou-se que, à medida que se atinge os estratos etários mais elevados, aumenta a prevalência desta substância.

10. A maior prevalência de experimentadores encontra-se entre aqueles cuja idade de início da experiência oscila entre 15 e 18 anos, constituindo basicamente a experimentação de tranqüilizantes, barbitúricos, maconha e anfetamina, com predominância das duas primeiras drogas.

11. Entre os experimentadores, o início da experiência se verifica entre os estratos etários de 14 a 18 anos. Diante da coincidência entre a maior prevalência de experimentadores com idade atual localizada no estrato etário médio

e a maior prevalência de experimentadores cuja idade de início está incluída nestes mesmos estratos, é possível sugerir a hipótese segundo a qual no ano da aplicação dos instrumentos estava ocorrendo o fenômeno da experimentação.

12. Quanto aos usuários, o que se verificou é que nos estratos etários menos elevados — de 10 a 14 anos — as drogas de iniciação da experiência são, basicamente, calmante e comprimido para dormir. Nos estratos etários intermediários — de 15 a 18 anos — há maior diversidade no consumo de drogas. As drogas que acusaram maior prevalência entre os usuários nessas faixas etárias são: calmante, seguindo-se maconha, barbitúrico e, em menor porcentagem, anfetamina e cocaína.

Nos estratos etários mais elevados — de 19 a 25 anos — as drogas de iniciação da experiência que indicaram maior prevalência foram: tranqüilizante, maconha e barbitúrico. Neste sentido, verificamos que a maior prevalência do uso abusivo de drogas concentra-se em torno dos estudantes

localizados nos estratos etários intermediários, constituindo os tranqüilizantes, a maconha, os barbitúricos e as anfetaminas as drogas de iniciação.

13. Verificou-se, também, no caso dos usuários, que a experiência se inicia em torno das idades de 15 a 18 anos. Foi observada uma certa aproximação entre a maior prevalência dos usuários que iniciaram a experiência nas idades que compreendem os estratos etários médios e a maior prevalência de usuários cuja idade atual é relativa a estes mesmos estratos.

14. Ainda com relação aos usuários, observou-se predominância maior de uso múltiplo de drogas, em comparação com o uso único. A droga que aparece com maior prevalência entre os usuários múltiplos de fármacos é o calmante.

15. A porcentagem maior de uso múltiplo de droga aparece na faixa etária de 15 a 18 anos, enquanto o percentual maior de uso único se verifica na faixa etária de 19 a 25 anos.

Colaboradores

Colaboraram para concretização deste trabalho:

a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, que endossou seu apoio para a coleta de dados junto às escolas da rede oficial de ensino nesta cidade;

a Secretaria da Educação da Prefeitura da Cidade de São Paulo, que autorizou o levantamento de dados junto às escolas da rede municipal de ensino;

os Diretores e Professores das escolas das redes oficial e particular de ensino, componentes da amostra, que possibilitaram a coleta de dados;

a Prof.^a Nilza Nunes da Silva, Estatística, pelo trabalho pertinente ao cálculo da amostra;

as estudantes de Serviço Social: Ana Lúcia Giuliano, Aparecida Roseli Rizzardi, Carmela dos Anjos Cozzetti, Claudécir Arruda Machado, Dulciléia Aparecida Castilho de Toledo, Eleneida Maria Bezerra, Eva Sílvia Broit, Helena Hitomi Takahashi, Lígia Mellão, Maria Guiomar de Simone, Maria Inês Francisco, Maria Isabel de Souza Rocha, Olga Bryk, Rosana M. Haag, Ruth Kirstajn, Sandra Regina Degani, Sílvia A. Pecoroni, Solange Maria Lameirinhas, Vera Lúcia de O. Marotta e Zulmira da Rocha Meirelles, pelo trabalho da coleta de dados para esta pesquisa;

as Dras. Cleusa da Costa Marques Rodello, assistente social, e Ivani Valarelli Menezes, psicóloga, ambas da equipe técnica do Instituto de Medicina Social e Criminologia, por sua contribuição na fase de tabulação dos dados.



IMESC Ilustrado

EDITOR: IMESC, Rua da Consolação, 2177 – CEP 01301 Caixa Postal 22215 – São Paulo – Brasil.

REDAÇÃO: Sérgio França Adorno de Abreu, Marie Madeleine Hutýra de Paula Lima, Ivani Valarelli Menezes, Marcos Antonio Medeiros, José Roberto de Paiva, Richard van Curtis, Nikolai Lieders, Cleusa da Costa Marques Rodello, Maria Castanheira Macedo, e Gustavo Adolpho de Campos.

SECRETARIA:

DIREÇÃO E SUPERVISÃO GERAL: José Hamilton do Amaral

SERVIÇO GRÁFICO: Imprensa Oficial do Estado S/A – IMESP

Reservados todos os direitos de acordo com a Lei. Nenhuma das publicações poderá ser reproduzida, parcial ou totalmente, mediante qualquer processo, notadamente por fotocópia e microfilmagem, sem prévia autorização expressa do Editor.